

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Fiana da Silva Santos Chiaveli

**A visão dos pais e responsáveis sobre a vida escolar de alunos do Ensino
Fundamental I**

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

**São Paulo
2024**

Fiana da Silva Santos Chiaveli

**A visão dos pais e responsáveis sobre a vida escolar de alunos do Ensino
Fundamental I**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob orientação da Prof.^a Dra. Alda Junqueira Marin.

São Paulo

2024

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).
Código de Financiamento 88887.675831/2022-00.

*This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brazil (Capes).
Finance Code 88887.675831/2022-00.*

AGRADECIMENTOS

Em tudo dai graças; pois esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco.

Tessalonicenses

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir realizar este sonho que, para mim, sempre pareceu impossível, mas para Ele nada é impossível. Por me capacitar e nunca me abandonar nesta jornada que, mesmo com tantos e tantos obstáculos e desafios, cheguei até aqui e hoje as lágrimas em meus olhos são de fé, felicidade e gratidão, pois, cada parte do caminho que pareceu ser um obstáculo, foi um degrau necessário para esta vitória.

É com muito amor que agradeço minha mãe, Senhora Eunice Francisca da Silva, e meu pai, Senhor Domingos de Araújo Santos, pois cada um à sua maneira, sempre me apoiou e me encorajou, para que nunca desistisse e, dentre todas as dificuldades que enfrentamos, nunca me deixaram acreditar que algo era inalcançável e por me ensinar a trabalhar duro por aquilo que se almeja. O que sou hoje, devo inteiramente a eles! Agradeço também ao meu parceiro de vida Fernando Chiaveli Costa, meu esposo, por todo apoio, toda compreensão e paciência! Por segurar minha mão toda vez que caí, me dar forças para sempre seguir em frente e por ter enxergado em mim, algo que eu fui incapaz de ver com meus olhos. Agradeço aos meus irmãos Luciana e Fernando e a toda minha família, aos amigos de verdade (os que ficaram), em especial, minha amiga Pamela Larissa, Bruna e Maria Batista que, por vezes, compreenderam minha ausência e me incentivaram a nunca desistir.

Agradeço aos colegas deste programa, pela união, força e ajuda que demostram uns com os outros e que comigo não foi diferente, principalmente ao colega Roberto que também é meu colega trabalho, pois foi ele quem me informou do programa e me incentivou a enviar meu projeto. Às minhas amigas do trabalho Rita de Cássia, Ester, Elisângela, Sara, Maria Aparecida, Bruno, Elaine, a Dra. Lucimar, Senhor Gilmar e as minhas Diretoras Núbia e Elaine, que me ajudaram nesta caminhada.

Em especial, agradeço à minha Orientadora, Professora Doutora Alda Junqueira Marin, por me conceder a honra de ser sua última orientanda de Mestrado

em sua brilhante carreira na Pontifícia Universidade Católica de São de Paulo, onde, com muito louvor e merecimento, anunciou sua aposentadoria, ao professor Doutor Odair Sass, que foi fundamental para que este trabalho fosse realizado, por toda sua ajuda, orientação e generosidade, ao professor Doutor Carlos Antônio Giovinazzo Junior por todo seu apoio e auxílio e todos os professores que fazem parte do EHPS, com os senhores, aprendi que é possível ser profissional com excelência, sem deixar de ser humano.

Agradeço à minha banca de qualificação, Professora Doutora Ana Paula Ferreira da Silva com quem também tive o prazer de conviver e aprender muito em suas disciplinas e à Professora Doutora Maria Regina Guarnieri, por todo o direcionamento e importância que demonstraram ao meu trabalho.

Agradeço à Elisabete Adania, assistente de Coordenação do Programa, por sua dedicação, empatia e amor, para conosco.

Enfim, a todos que estiveram ao meu lado nesta árdua e fabulosa jornada, da realização do sonho de uma “Silva” deste país.

*Deus não escolhe os capacitados,
Ele capacita os escolhidos.*

Albert Einstein

SANTOS CHIAVELI, Fiana da Silva. **A visão dos pais e responsáveis sobre a vida escolar de alunos do Ensino Fundamental I**. 2024. 79 f. Dissertação Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo a valorização da educação escolar, a partir da percepção dos pais/responsáveis de alunos. As perguntas que orientaram sua elaboração são: Qual a visão dos pais/responsáveis a respeito da educação escolar de seus filhos? Os responsáveis veem importância em estudar? Se não, por que alguns justificam não participar da vida escolar das crianças, mas estudam e trabalham? O objetivo geral foi investigar a visão que os pais/responsáveis têm sobre educação escolar na atualidade e a valorização que atribuem ao tema. Neste escrito, foi levado em consideração as transformações ocorridas na família ao longo da história, como apontado por Adorno e Horkheimer, Meireles e Teixeira, Sarti, Chechia e Andrade, entre outros, por este motivo, foi adotado o termo famílias definido por Mello, ao se referir a esta instituição social primária. A coleta de dados foi realizada em uma escola situada em uma cidade da região metropolitana do estado de São Paulo. Os sujeitos desta pesquisa, foram os pais/responsáveis por alunos matriculados na referida escola na primeira etapa do Ensino Fundamental (Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano). Durante a reunião de pais e mestres da unidade escolar, foi feita a aplicação de questionário usando a escala *Likert*. As questões foram organizadas em questões de ordem demográfica, em afirmações de grau de concordância e afirmações de frequência de ação, ambas relacionadas a assuntos referentes à escola e à vida escolar dos(as) filhos(as)/ dependentes, destes pais/responsáveis. Houve 70 questionários válidos que foram analisados a partir do cruzamento das respostas dos questionários de grau de concordância que objetivaram medir a valorização dos respondentes sobre o assunto, com as respostas às afirmações de frequência de ação. Os resultados indicam que há muita valorização que estes pais/responsáveis atribuem à escola, mas as ações que eles executam ante a educação escolar de seus filhos é realizada em menor proporção, ou seja, por mais que atribuam importância ao tema, não conseguem transformá-la em ações cotidianas, atendendo às expectativas da escola, mas o fazem da forma que podem e entendem seu papel e responsabilidade na vida escolar de seus filhos. Os fatores que parecem levar a essa distância entre crença e prática voltam-se para as condições sociais de vida, de trabalho e de escolarização desses pais/responsáveis. Conclui-se que a crença de valorização da educação é próxima ao que a escola espera das famílias, no entanto a percepção da escola de desinteresse dessas famílias se dá devido às impossibilidades concretas de vida das famílias/responsáveis pelos alunos.

Palavras-chave: famílias; educação escolar; ensino fundamental I; escala Likert

SANTOS CHIAVELI, Fiana da Silva. **A visão dos pais e responsáveis sobre a vida escolar de alunos do Ensino Fundamental I.** 2024. 79 f. Dissertação Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

ABSTRACT

This research aims to understand the value of school education, based on the perception of students' parents/guardians. The questions that guided its elaboration are: What is the view of parents/guardians regarding their children's school education? Do those responsible see the importance of studying? Due to studying and working, some parents justify not participating in their children's school lives. The general objective was to investigate the view that parents/guardians have on school education today and the value they attribute to the topic. The data collection was carried out in a school located in a city in the metropolitan region of the state of São Paulo. The subjects of this research were the parents/guardians of students enrolled in the aforementioned school in the first stage of Elementary Education (Elementary Education I, from the 1st to the 5th year). During the school unit's parent-teacher meeting, a questionnaire was administered using the Likert scale. The questions were organized into demographic questions, statements of the degree of agreement, and statements of frequency of action, both related to issues relating to the school and the school life of the children/dependents of these parents/guardians. There were seventy valid responses were analyzed by crossing the responses from the level of agreement questionnaires that aimed to measure the respondents' appreciation of the subject, with the responses to the action frequency statements. The results indicate that there is a lot of value that these parents/guardians attribute to the school, but the actions they carry out regarding their children's school education are carried out to a lesser extent, that is, no matter how much importance they attribute to the topic, they are unable to transform it. They in everyday actions, meet the school's expectations, but they do so in the way they can and understand their role and responsibility in their children's school lives. The factors that seem to lead to this distance between belief and practice are related to the social conditions of life, work, and schooling of these parents/guardians. It is concluded that the belief in valuing education is close to what the school expects from families, however, the school's perception of these families' lack of interest is due to the concrete impossibilities of the families/guardians of the student's lives.

Keywords: families; school education; elementary education I; Likert scale.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Declaração de Gênero dos respondentes.....	35
---	----

LISTA DE TABELAS E QUADRO

Tabela 1 - Responsável pela vida escolar das crianças.....	34
Tabela 2 - Estado Civil dos respondentes.....	35
Tabela 3 - Formação das famílias.....	36
Tabela 4 - Número de filhos/dependentes por famílias.....	37
Tabela 5 - Situação de trabalho comparada ao gênero dos participantes.....	38
Tabela 6 - Faixa etária.....	38
Tabela 7 - Grau de escolaridade dos participantes.....	39
Tabela 8 - Questionário de pesquisa-grau de concordância.....	41
Tabela 9 - Afirmações de frequência, sobre a rotina escolar.....	49
Tabela 10 - Afirmação de grau de concordância, cruzamento 1.....	53
Tabela 11 - Afirmação de frequência de ação, cruzamento 1.....	54
Tabela 12 - Afirmação de grau de concordância, cruzamento 2.....	55
Tabela 13 - Afirmações de frequência de ação, cruzamento 2.....	55
Quadro 1 - Cruzamento de dados, frequência de ação, escolaridade e situação de trabalho dos respondentes.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE.....	16
1.1 FamíliaS: arranjos familiares e o cotidiano escola.....	16
1.2 Família e escola ou Família <i>versus</i> Escola?.....	20
CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTUDO.....	27
CAPÍTULO III - DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	34
3.1 Dados demográficos.....	34
3.2 Grau de concordância sobre a vida escolar.....	41
3.2.1 Valorização da Educação Escolar.....	44
3.2.2 Relações famílias e escola, sobre as práticas pedagógicas.....	45
3.2.3 Relações interpessoais.....	48
3.3 Resultados da coleta de dados, questionário de frequência.....	48
3.4 Cruzamento de dados.....	52
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO A - Pré-teste de Pesquisa.....	67
ANEXO B - Questionário de Pesquisa.....	71
ANEXO C - TCLE Escola - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido direcionado a Escola.....	77
ANEXO D - TCLE Pais/Responsáveis- Termo de Livre e Esclarecido direcionado aos sujeitos da pesquisa.....	78

INTRODUÇÃO

Como aluna formada em escola pública e profissional da Educação – formada em Educação Física, Licenciatura e Bacharel; Pedagogia e especialização em Psicomotricidade), concursada como professora de Educação Física em um município de pequeno porte situado no estado de São Paulo, onde atuei por dois anos no cargo de vice-diretora de Unidade Escolar (2021 e 2022), – pude analisar de perto as principais dificuldades enfrentadas, tanto pelos discentes, quanto pelos docentes.

Algo que sempre me intrigou, foi o pré-julgamento das pessoas com relação aos alunos vindos do ensino público, condenando-os ao fracasso e culpando-os, muitas vezes, alegando falta de interesse e sem levar em consideração o contexto por trás da história de vida desse educando. Quem nunca ouviu a frase: “— *Quem faz a escola, é o aluno!*”?

Analisando, a partir das minhas vivências como docente, pude observar que, em algumas ocasiões, há um julgamento feito pelos próprios responsáveis, que, por vezes, parecem se abster ou até mesmo negligenciar os estudos dos filhos, depositando por completo na escola, como afirma Oliveira, Silva e Bento (2019), as famílias acreditam que a escola deve ser uma continuação do lar e, muitas vezes, acaba delegando funções que deveriam ser executadas pelas famílias. Ou no próprio aluno, a responsabilidade por sua formação escolar, ou ainda da própria escola, que por vezes julga o aluno de acordo com suas condições sociais ou sua família.

Visto isso, nos últimos dois anos (2020 a 2022), considerando a Pandemia da Covid-19, que levou a óbito milhares de pessoas em todo o mundo e causou danos em diversas esferas, destacamos a educação, que também foi afetada e sofreu muitas alterações em seus métodos de ensino devido ao isolamento social ocasionado pela suspensão das aulas presenciais. A grande necessidade de se adequar à nova realidade do ensino remoto, destacou a responsabilidade dos pais/responsáveis pelos estudantes em termos de escolarização, pois, principalmente as crianças do Ensino Fundamental I são dependentes dos responsáveis, tanto em relação ao conhecimento, quanto para ter acesso às aulas. Nesse período, as aulas nas escolas públicas e privadas de todo o país foram suspensas presencialmente e aplicadas de forma remota, na qual cada instituição escolar teve de se organizar e planejar-se dentro de suas peculiaridades, para assim tentar diminuir os impactos causados por

essa brusca mudança de sua realidade. Estratégias como a antecipação do período de férias escolares, o uso de softwares de mensagens instantâneas como o *WhatsApp* e encadernações impressas com atividades foram algumas das estratégias que as unidades escolares encontraram para manter o contato e o ensino (FCC, 2020a, 2020b). No entanto, todas essas mudanças evidenciaram ainda mais a desigualdade social existente na educação brasileira

Características territoriais, condições de infraestrutura, perfil do alunado e especificidades das diferentes etapas de ensino determinaram situações marcadamente desiguais entre redes de ensino, impactando na maior ou menor oferta de atividades não presenciais aos estudantes, no volume de atividades oferecidas bem como as condições de trabalho e de tempo de dedicação dos professores para desenvolvê-las e implementá-las. As regiões Norte e Nordeste, a Educação Infantil e, em especial, as educadoras negras foram mais fortemente impactadas por essas desigualdades (Itaú Social, 2020, p. 21).

Deste modo, foi levantada a hipótese deste fato se dever ao acesso à internet, que no Brasil não é aberto em termos financeiros e em decorrência da pandemia uma parte considerável da população perdeu emprego e renda, afetando diretamente esse aspecto.

Devido à falta de devolutivas e a dificuldade de localizar alguns estudantes durante o período de isolamento social, por vias alternativas, como contato telefônico ou através das vias digitais (*WhatsApp*, por exemplo), ao convocar alguns responsáveis, foi possível observar que, dentre essa justificativa de falta de acesso à internet, havia na fala dos pais outros revides, quando eram questionados, como por exemplo:

“—Não tenho paciência para ajudá-lo”

“—Não tenho tempo”

“—Uso meu celular e não tenho como deixar ele assistir à aula por ele”

“—Não poderia dar uma folhinha para ele fazer em casa? Porque eu trabalho de dia e faço faculdade a noite e não tenho tempo de ajudar ele na lição, com a folha ele fica quietinho e me deixa estudar”

“—A escola tem que reabrir! Não dá para ele ficar em casa, eu trabalho e não tenho com quem deixar ele! E a obrigação de ensinar não é minha, os professores são vocês!”

Contudo, a pandemia evidenciou algo que já acontecia, visto que a queixa de muitos professores era a falta de devolutivas de atividades fora da escola, pois, a maioria dos alunos realizava suas atividades em sala de aula, mas pouquíssimas vezes faziam seus trabalhos e lições de casa. Como alegaram durante essas convocações, a maioria dos pais alegou passar a maior parte do tempo trabalhando fora e/ou estudando para manter o sustento de seu lar.

Considerando esse cenário, a pergunta que orienta esta pesquisa é: Qual a visão dos pais/responsáveis a respeito da educação escolar de seus filhos? Os responsáveis veem importância em estudar? Se não, por que alguns justificam não participar da vida escolar das crianças, mas estudam e trabalham?

Logo, a realização deste trabalho teve como objetivo geral investigar qual a visão que os pais/ responsáveis têm sobre educação escolar na atualidade e a valorização que atribuem ao tema. Selecionou-se os anos iniciais do Ensino Fundamental, por esta etapa de aprendizagem ser voltada para a alfabetização, (Fundamental I) conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (MEC, 2018). Essa faixa etária também necessita dos cuidados dos pais, por tratar-se de crianças (faixa etária dos 06 aos 10 anos) que ainda estão aprendendo a cuidar de si com autonomia.

A presente pesquisa foi realizada em uma escola municipal situada em um município de pequeno porte na região metropolitana do estado de São Paulo, que atende, em sua maioria, uma comunidade carente que reside próxima à Unidade Escolar. Para a realização deste estudo, foram elaborados questionários de pesquisa no formato *likert*, com a intenção de medir a opinião e as ações sobre a vida escolar dos alunos; com perguntas de ordem demográfica, que possibilitaram a caracterização social dessas famílias. Os sujeitos desta pesquisa foram os pais/responsáveis por alunos matriculados na referida escola na primeira etapa do Ensino Fundamental (Ensino Fundamental I, do 1º ao 5º ano), que foram abordados durante uma reunião de pais e mestres. Este estudo contou com 79 participantes de forma anônima, que se dispuseram a responder os questionários, porém, após análise destes, foram validados 70 questionários para compor este estudo, pois, os demais não atenderam os critérios para sua relevância dentro da pesquisa, ou foram devolvidos sem respostas, o que será mais detalhado no capítulo voltado à metodologia.

Com o cruzamento das respostas colocadas no questionário entre a opinião que têm sobre o assunto e como alegam agir em relação à educação escolar dos filhos/dependentes, foi possível apreender a visão que os pais/responsáveis têm sobre educação escolar dos filhos e a valorização que atribuem ao tema. Neste escrito, foi levado em consideração as transformações ocorridas na família ao longo da história, como apontado por Adorno e Horkheimer, Meireles e Teixeira, Sarti, Chechia e Andrade, entre outros, por este motivo, foi adotado o termo famílias definido por Mello (2002), ao se referir a esta instituição social primária.

Esta dissertação está organizada em 3 (três) partes. O capítulo I trata de uma revisão bibliográfica acerca do tema família e escola. O capítulo II é uma contextualização deste estudo, no qual, há a descrição de todo o percurso metodológico da pesquisa. O Capítulo III discorre sobre os resultados e abrange as discussões dos achados desta pesquisa.

CAPÍTULO I - FAMÍLIA, ESCOLA E SOCIEDADE

O presente capítulo trata a respeito do tema Família e Escola, discorrendo sobre os elementos de constituição e de tensão que efetivam a relação destas duas instituições sociais.

1.1 Família^S: arranjos familiares e o cotidiano escolar

A ideia de família não é algo atemporal, mas sim uma construção social em constante disputa. Assim, é importante considerar as modificações que a concepção e a constituição de diferentes composições familiares sofreram ao decorrer da história, bem como considerar suas condições sociais, culturais e econômicas.

As transformações ocorridas na família, ao longo da história, demonstram sua suscetibilidade às influências de fatores culturais, econômicos, políticos e sociais, os quais não apenas incidem em diferentes contextos, mas também geram compreensões diferenciadas de conceitos, arranjos e papéis familiares (Meireles; Teixeira, 2014, p. 38.)

Nogueira (1998) destaca o quanto esses aspectos influenciam na concepção do que é família, principalmente em relação à criança (ou filhos).

As análises recentes sobre a questão são unânimes em seu ponto de partida: a importância do filho e a transformação do lugar ocupado por ele na família contemporânea. Desde a década de 1960, com as teses do historiador P. Ariès (1981), as ideias de "invenção da infância" - entre os séculos XVI e XVIII - e da modernidade do sentimento de infância e de família muito se propagaram. Apesar de algumas críticas que esse autor recebe hoje, não parece questionado o fato de que a família moderna volta-se para seu interior, inaugurando o amor conjugal e a intimidade familiar moderna. Nesse quadro, a criança passa a ser alvo de maiores cuidados (saúde, alimentação, educação) e objeto de grande preocupação dos pais. Em alguns autores, o fenômeno é identificado a um processo de sentimentalização das relações familiares, cuja contrapartida seria o enfraquecimento de suas funções instrumentais, caracterizadas pela reprodução física, cuidados materiais, descendência. Assim, o lugar da criança na família passa a ser visto como principalmente afetivo e as ações em relação a ela, essencialmente educativas (Nogueira, 1998 p. 97).

A autora discorre sobre a relação família e escola no decorrer do tempo, na forma com que os pais/responsáveis enxergam seus filhos e como esse olhar se

¹ A opção por grafar a letra 'S' em maiúsculo se deu pela decisão de destacar as várias formas de composições familiares possíveis.

transforma, principalmente em relação à afetividade e ao papel que as práticas educativas ganham nessa relação. A criança passa a ser alguém que precisa ser formada, precisa ser educada.

Ao se abordar o tema “família” faz-se necessário advertir que a chamada família que se refere ao modelo patriarcal burguês, na maioria das vezes não foi de fato o modelo de família predominante na sociedade, com exceção deste extrato específico: a burguesia.

As famílias sofrem alterações no decorrer de sua história, assim como ocorre nas demais esferas da sociedade, como afirmam Adorno e Horkheimer (1973, p. 133),

Na História, a família apresenta-se primeiro como uma relação espontânea e natural que, depois, vai se diferenciando até chegar à moderna monogamia e, em virtude desse processo de diferenciação, cria uma área distinta, que é a das relações privadas. A consciência ingênua vê as relações privadas como uma ilha situada em pleno fluxo da dinâmica social, como um resíduo do estado natural. Na verdade, a família não só depende da realidade social, em suas sucessivas concretizações históricas, mas também está medialmente socializada, mesmo em sua estrutura mais íntima.

Deste modo, ao se tratar de família na contemporaneidade o mais apropriado é se referir ao termo como “famílias”, no plural, pois permite abarcar toda a diversidade de composições reais. A formação das famílias se dá a partir da cultura, dos valores e composições sociais, aspectos de regionalidade, concepções religiosas, políticas e econômicas. As possibilidades sociais e legais que incluem divórcios, “recasamentos”, uniões estáveis, relações homoafetivas, núcleos monoparentais ou expandidos, processos de adoção, entre outras, caracterizam parte da pluralidade do termo famílias.

Mello (2002) afirma que a palavra família fica desgastada pelo uso, não podendo mais carregar os significados de famílias no ocidente atualmente. Em decorrência, cabe indagar: como seria possível entender ou até mesmo julgar os interesses da família em relação à escola, sem compreender de fato o que é a família em suas especificidades e dadas as condições sociais dos tempos atuais?

Enquanto nos encontramos perto da família, estamos distantes de sua compreensão, tendo dificuldades até mesmo em definir o que se passa e o que se compreende em nosso próprio seio familiar (Mello, 2002).

Ao descrever a vida em família em uma tribo nômade, Mello (2002) indica que a concepção de família pode ser diferente, mas sempre permanece um sentido comum que se refere ao cuidado e às sociabilidades:

A descrição da organização dessas esferas da vida em sociedade permite adivinhar a multiplicidade cultural que define os espaços de vida de homens e mulheres, qual a importância que atribuem à família, como as crianças são cuidadas e socializadas, qual seu lugar na sociedade (Mello, 2002, p. 20).

Esta definição torna-se importante para discutir qual a concepção de educação escolar na ótica das famílias nos tempos atuais, pois, antes de entender seus posicionamentos e interesses é importante compreender o sujeito e suas individualidades, visto que, os agentes principais da escolarização (as crianças), sofrem a parte maior de influência das famílias, como afirmam Meireles e Teixeira (2014). As famílias são uma instituição social que tem o maior poder de influência sobre o indivíduo e sempre terá, pois, é no seio familiar que ocorre boa parte da construção de sua individualidade, do caráter e do desenvolvimento da personalidade dos sujeitos nela inseridos.

As afirmações feitas por Mello (2002) nos fazem subentender que a mulher saiu de seu lar, onde era a principal responsável pela educação de seus filhos, e passou a ser também financeiramente responsável por seu sustento ou parte dele, características de uma das diversidades das famílias da “atualidade”, onde elas se tornam “chefes de família” ou ambos os responsáveis se ausentam do lar para prover o sustento.

Porém, como descrito por Sarti (1994), a mulher nunca perdeu sua autoridade e responsabilidade sobre o lar e mesmo com todas essas mudanças na sociedade contemporânea, as famílias, principalmente as mais pobres, ainda mantêm o poder simbólico da formação patriarcal das famílias em relação à divisão de suas funções, na qual o homem é visto como autoridade ao que se refere ao sustento e a mulher, à administração do lar.

Em consonância com a precedência do homem sobre a mulher e da família sobre a casa, o homem é considerado o chefe da família e a mulher a chefe da casa. Esta divisão complementar permite, então, a realização das diferentes funções da autoridade na família. O homem corporifica a ideia de autoridade: como mediação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito. Ele, portanto, responde pela família. Cabe à mulher outra importante

dimensão da autoridade, manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar (Sarti, 1994, p. 47).

Ainda de acordo com a autora, essa valorização simbólica do homem como provedor das famílias, faz com que as famílias que não têm o homem nesta função, sejam vistas como fragilizadas pela sociedade, como descreve: “O papel central do homem como mediador entre a família e o mundo externo reafirma a tradicional autoridade masculina, fragilizando socialmente a família em que não há um homem ‘provedor’ - de teto, alimento e respeito” (Sarti, 1994, p. 47).

Contudo, essas famílias que não estão dentro do “padrão” idealizado socialmente, se reorganizam em seu interior, se transformando de acordo com as novas necessidades impostas pela sociedade e suas particularidades, logo, a demanda de “tarefas” assumidas pela mulher/mãe a respeito da educação dos filhos e do lar pode passar a ser dividida com os demais membros (não necessariamente com o pai/marido), para assumir a tarefa de sustentar sozinha o lar (dependendo do arranjo familiar que se está inserido). Como afirma Kehl (*apud* Meireles; Teixeira, 2014, p. 41):

[...] a família “hierárquica”, organizada em torno do poder patriarcal, começou a ceder lugar a um modelo de família onde o poder é distribuído de forma mais igualitária: entre o homem e a mulher, mas também, aos poucos, entre pais e filhos. Se o pátrio poder foi abalado, é de se supor que algum deslocamento tenha ocorrido do lado das mulheres – a começar pelo ingresso no mercado de trabalho, com a consequente emancipação financeira daquelas que, durante tantas décadas, foram tão dependentes do “chefe da família”.

A diversidade das composições familiares não abala sua importância no cuidado e formação dos filhos (Meireles; Teixeira, 2014).

A escola, por ser uma instituição social assim como as famílias, também passa por mudanças em suas funções na sociedade, de modo a atender às realidades culturais, econômicas e políticas, no entanto, é preciso compreender sob quais parâmetros e expectativas se dá a relação escola e famílias.

1.2 Famílias e escola ou Famílias *versus* Escola?

A Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, em seu artigo 205, trata sobre os direitos e deveres da educação do cidadão e aponta:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1988).

Assim, ao Estado cabe a garantia de acesso e permanência das crianças e adolescentes em idade escolar, não importando a localização geográfica, as condições de saúde, cumprimento de medidas socioeducativas ou as possibilidades econômicas. A educação pública deve ser gratuita e obrigatória. O direito à educação – atualmente da Educação Infantil ao Ensino Médio – é, portanto, inegociável, cabendo ações do Ministério Público quando o Estado não cumpre seu papel.

Na mesma direção, às famílias cabe a obrigação de manter essas crianças e adolescentes matriculados em escolas regulares (atualmente a legislação não permite a educação domiciliar ou *homeschooling*) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) em ação complementar à Constituição Federal, orienta mais um conjunto de obrigações em relação aos cuidados físicos e emocionais que são de responsabilidade das famílias.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Brasil, 1996), ao definir “os Princípios e Fins da Educação Nacional” especifica em seu artigo 2º que

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

Logo, ao tratar sobre o desenvolvimento integral do educando, as legislações destacam a corresponsabilidade da escola (representando o Estado) e da família na participação e na partilha dessa responsabilidade.

Nos tempos atuais, que já é naturalizado a ida da criança para a escola, a escola e as famílias devem dialogar no que se refere à aprendizagem do aluno, pois, a união entre famílias e escola é imprescindível neste processo, que quando existente,

pode ocasionar satisfação mútua e até mesmo melhoras dentro e fora dos muros da escola, como afirma Damasceno (2017, p. 6):

Por fim, a solução para o dilema que se configura entre satisfação das altas expectativas familiares e possibilidades de atendimento escolar frente à escassez de recursos, passa pela comunicação com as famílias – outra demanda familiar – para juntos, definirem estratégias conjuntas de atuação educacional que otimizem os recursos disponíveis tanto na família quanto na escola.

Deste modo, sabendo-se que o objetivo da educação que se propõe formadora, se dá na construção do desenvolvimento integral do aluno, mas para isso, é pregado que seja feito um trabalho conjunto entre as famílias e a escola, porém, há um conflito entre a realidade dessas famílias e a expectativa que a escola deposita sobre elas, algo que pode impactar diretamente o desenvolvimento escolar do educando, como afirma Sampaio (1997), a escola não consegue proporcionar aos alunos um aprendizado mais contínuo dentro de sua realidade, favorecendo apenas aqueles que têm apoio cultural familiar, muitas vezes, apenas o trabalho dos professores em sala de aula, não consegue atender às demandas necessárias para a aprendizagem, o que conseqüentemente, acarreta em dificuldades que podem resultar em fracasso escolar, se não forem superadas.

Nota-se, a partir dessa afirmação feita pela autora, que o importante papel social que as famílias representam no processo de escolarização, é questionado e, por vezes, a escola torna-se excludente quando não consegue lidar com a realidade e peculiaridades de cada uma dessas famílias com menos condições sociais e níveis mais baixos de escolarização e capital cultural precarizado.

Para Adorno e Horkheimer (1973), a família é considerada como grupo primário de socialização da criança, na qual ela nasce, tem os primeiros contatos com outros sujeitos, passa por cuidados e adquire hábitos. Há o grupo secundário de socialização, no qual o sujeito tem contato com outras pessoas e pode desenvolver sua personalidade social, política de classe. A escola pode ser considerada uma das instituições que compõem o grupo secundário.

Assim, o conflito entre elas, pode trazer malefícios para sujeito em formação.

O desenvolvimento e a educação da criança dependem sobretudo do esforço comum das esferas sobrepostas que constituem o mundo da criança. Quando estas esferas comunicam e se relacionam de forma positiva, cria-se um ambiente ecológico favorável ao desenvolvimento. Quando estas esferas

estão de costas voltadas, perseguem objetivos opostos ou comungam valores conflitantes, estamos perante um ambiente que dificulta o desenvolvimento da criança (Marques, 2002 *apud* Fevorini, 2009, p. 12).

Goddard, Tschannen e Hoy (*apud* Chechia; Andrade, 2005), ressaltam dentre as causas de sucesso e insucesso escolar, a relação entre os pais e filhos, a percepção dos pais perante os assuntos escolares e suas ações frente a eles, apontando que, a demonstração de interesse, participação e preocupação com a atuação de seus filhos nos estudos, faz com que eles tendam a apresentar mais facilidade na realização de tarefas, autoestima elevada e psicologicamente ajustam-se melhor ao cotidiano escolar. O sucesso escolar é uma construção social que se constitui, frequentemente, de crenças e concepções compartilhadas por pais e alunos.

Um estudo feito por Osti (2016) selecionou um grupo de estudantes de uma mesma escola e, através de análise, separou-os em dois subgrupos: aqueles que apresentavam um desempenho satisfatório em relação à aprendizagem escolar e aqueles que apresentavam desempenho insatisfatório, ao final de seu estudo, pôde observar, que houve afinidade entre a relação familiar, (tanto positivamente, quanto negativamente), no desempenho escolar desses alunos, no qual, foi possível observar que aqueles que as famílias participam, interagem, comparecem às reuniões de pais e mestres, perguntam aos filhos sobre seu dia, auxilia-os nas atividades para casa e estabelecem uma rotina, em sua maioria são alunos com desempenho escolar satisfatório e, em contrapartida, aqueles em que os pais não têm uma participação ativa nesses aspectos apresentam baixo rendimento escolar.

O envolvimento das famílias no dia a dia escolar do aluno e sua participação como comunidade ativa em todo o processo escolar, contribui no desenvolvimento da criança dentro e fora da escola, trazendo benefícios no entendimento de seu desenvolvimento, o que possibilita maior compreensão de seu processo de crescimento, acarretando assim melhoras no ambiente familiar e na aprendizagem escolar (Bhering; Siraj-Blatchford, 1999).

Essas afirmações reforçam, que a relação entre os pais/responsáveis e o aluno no processo educacional é de suma importância, mas, não é algo tão simples assim de ser feito, como indica Mello (2002, p. 16):

Retirar a família de seu isolamento, colocá-la na história, tratá-la como instituição cujas raízes sociais são inequívocas, compreendê-la aí dentro e,

ao mesmo tempo, reconhecer o âmbito da intimidade e a formação da subjetividade, é tarefa complexa.

Segundo Coutrim, Carvalho e Almeida (2012), há um conflito entre estas duas instituições a respeito de suas responsabilidades frente ao educando, na qual, as famílias alegam que trabalhar valores, questões comportamentais e disciplina é dever da escola e a escola rebate alegando que este é um dever das famílias.

Desse modo, pode-se perceber que as famílias interpretam os ensinamentos escolares com uma extensão do que é aprendido em casa e não ao contrário, o que mais uma vez acarreta divergências entre essas duas instituições, como afirmam Oliveira, Silva e Bento (2019, p. 276):

A maioria dos pais acredita que a escola é a continuação do seu lar e cobra dela o que é de sua função, é nesse período que acontece o confronto, pois a partir da entrada do filho na escola, o sistema familiar tem seus valores colocados à prova e são expostos.

Para Faria Filho (2000), no entanto, a situação é um pouco mais complicada, pois há um conflito de opiniões sobre competência no trabalho de educar no olhar da escola para as famílias, afastando-as ainda mais da escola e o que deveria se complementar, se divide.

A ação da família é, no entanto, uma ação complementar à da escola e a ela subordinada, porque se desconfia da competência da família para bem educar; na verdade, no mais das vezes, afirma-se que a família não consegue mais educar os seus filhos. A esse respeito, o grande problema, detectado nas páginas da revista, é que os pais não se interessam em participar da escola, pois dela estão afastados (Faria Filho, 2000, p. 46).

Contudo, ao se questionar o lugar construído para e pela escola, pesquisadores e a equipe escolar acabam descobrindo-se como causadores do afastamento das famílias nas disposições escolares (Coutrim; Carvalho; Almeida, 2012), mais uma vez, acredita-se que tal fato seja uma consequência das expectativas que a escola põe no trabalho que julga ser dever das famílias. Desse modo, nota-se uma utopia ante a realidade que as famílias enfrentam, principalmente, levando em consideração as mudanças na família contemporânea, como discorre Assis e De Lucca (2009, p. 201):

Mesmo após essas mudanças na estrutura familiar, segundo Carvalho (2004), os professores ainda esperam que os pais (geralmente a mãe) arranjem tempo para monitorar seus filhos quanto às tarefas de casa e outras

necessidades escolares, como materiais para projetos ou assistência para trabalhos em grupo aos finais de semana. Essas tarefas, na visão dos professores, supostamente não interferem no cotidiano dos pais. As condições citadas apontam para um modelo familiar que não condiz com a realidade da maioria das famílias da classe pobre.

O que se pode notar, é que a escola atribui às famílias um papel muito além de seu entendimento, idealizando as famílias perfeitas como aquelas que voltam toda sua atenção para a escola e se dedica ao máximo. Como observa Faria Filho (2000, p. 49), espera-se que os pais/responsáveis sejam “sócios” no processo de escolarização, como afirma abaixo:

A reforma do ensino quer que a escola seja uma sociedade em miniatura. Dando outro sentido à expressão, posso dizer que, além do professor e dos alunos, são sócios dessa sociedade os pais e as mães de família. Ora, não se admite deixarem os sócios de concorrer para o bem da sociedade a que pertencem. Ao gerente da sociedade, que é o professor, incumbe fazer dos alunos intermediários junto das famílias, para granjear a colaboração delas. Por meio dos filhos, que são os alunos, educados na escola ativa, esta conseguirá a referida operação.

Segundo Chechia e Andrade (2005), muitas famílias, ao serem questionadas sobre o acompanhamento dos alunos em suas tarefas escolares, alegam não conseguir participar por não entender o que deve ser executado, mesmo que tenham vontade de ajudar, alegando a constante modificação do ensino em comparação ao período em que foram alunos, o que, segundo eles, atrapalha seu entendimento, deixando a entender que a escola deve explicar melhor as tarefas para os alunos, ou simplificar a execução.

Logo, subentende-se que, na ótica dos pais/responsáveis, cabe à escola a responsabilidade pela não participação das famílias na vida escolar do aluno.

Em concordância, o estudo de Olivera, Silva e Bento (2019) feito para analisar a mesma situação através da análise do Projeto Político Pedagógico² (PPP) e da observação, também concluiu que os pais acabam delegando a função de educar seus filhos, devido às demandas de seu dia, deixando, muitas vezes, outras pessoas responsáveis por essa função ou até mesmo a escola. Porém, um dado interessante, apresentado nesta pesquisa, foi a importância do olhar da escola para esses pais e responsáveis, pois, a falta de espaço para que eles possam participar efetivamente

² Para saber mais sobre a definição e particularidades do Projeto Político Pedagógico, consultar Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 (Brasil, 1996).

das decisões do dia a dia e conhecer, de fato, o que ocorre no âmbito escolar, acaba fazendo com que se sintam “excluídos” ou até mesmo agentes não pertencentes desse processo tão importante, que é a formação do sujeito atuante do futuro de seus filhos (Oliveira; Silva; Bento; 2019).

Há um questionamento sobre a função das famílias não estar sendo realizada com a devida importância e, então, a estrutura familiar passa a ser julgada, mas deve-se considerar que a sociedade exerce, também, um papel de importância no processo de escolarização (Pires; Silva, 2019).

As condições sociais e temporais devem ser consideradas ao se investigar o sentido de educação escolar na ótica das famílias, visto que a escola deve acompanhar as demais esferas sociais presentes na formação dos sujeitos. Como afirma Faria Filho (2000, p. 44):

Todos estes estudos e, mais ainda, a prática pedagógica dos professores e gestores da escola põe em evidência um fato: a forma e a intensidade das relações entre escolas e famílias variam enormemente, estando relacionadas aos mais diversos fatores (estrutura e tradição de escolarização das famílias, classe social, meio urbano ou rural, número de filhos, ocupação dos pais etc.). (Faria Filho, 2000, p. 44)

Contudo, a visão sobre a educação escolar dos filhos/dependentes passa a ter expectativas diferenciadas de acordo com as famílias, suas realidades e a posição social em que se encontram.

Um exemplo é a pesquisa de Martins (1972) sobre a importância do trabalho e da escola no meio rural, com famílias constituídas por pai, mãe, filhos (na maioria mais que 3) e algumas vezes avós. Os resultados permitem perceber que a escolarização era vista como uma continuação do trabalho, um meio de “se defender” com a leitura e escrita. Os pais apontaram a ida das crianças à escola (muitas vezes em um período do dia e no outro período elas deveriam se dedicar ao trabalho rural junto com eles) com o objetivo de aprenderem a ler e escrever para os ajudarem na leitura de documentos e assinaturas, visto que a maioria dos pais eram analfabetos ou sabiam apenas assinar o próprio nome.

Isso faz com que a família insista em manter os alunos às vezes até durante longos anos na escola, apesar de sucessivas repetências. Por outro lado, as aspirações em relação à escola são desproporcionalmente modestas: assinar o nome, ler mais ou menos etc. (Martins, 1972, p. 32)

Outra pesquisa realizada recentemente (Damasceno, 2017), também com o intuito de investigar as expectativas dos pais quanto à educação escolar dos filhos, pôde concluir que eles esperam que a escola tenha “uma função plural” – definição dada pelo autor, preparando os alunos para o mercado de trabalho, formando valores humanos e distribuindo conhecimentos pedagógicos,

À medida que preparar para o mercado de trabalho é valorizado e a preparação para o vestibular nem tanto, entende-se que os entrevistados possuem uma concepção tecnicista de educação, onde a mesma é vista como formação de mão de obra (Damasceno, 2017, p. 06).

Tendo em vista esse conjunto de estudos, a presente pesquisa visa investigar a visão que os pais/ responsáveis têm sobre educação escolar, a valorização que atribuem ao tema e quais atitudes são realizadas no cotidiano que podem expressar esse valor para a escolarização de seus filhos.

CAPÍTULO II - CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTUDO

O presente capítulo contextualiza a pesquisa: bairro e descrição da unidade escolar, os sujeitos e os procedimentos para a elaboração dos instrumentos e sua aplicação.

O estudo foi realizado em uma escola pública municipal³ localizada na região periférica de uma cidade da região metropolitana do estado de São Paulo. A unidade escolar atende apenas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1.º ao 5.º ano), em dois períodos, manhã (7h10 às 11h50) e tarde (13h10 às 17h50), não ofertando período integral ou noturno aos alunos. Segundo os dados do mês de julho/2023, informado pela Diretora da escola, há 299 alunos matriculados, 15 funcionários e 21 professores, o que faz com que seja considerada uma escola de pequeno porte.

Os sujeitos que participaram deste estudo são pais/responsáveis de alunos, de 12 turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, sendo 2 turmas de 1º ano, 2 turmas de 2º ano e 2 turmas de 3º ano, no período da tarde, e 2 turmas de 5º ano, 2 turmas de 4º ano e 2 turmas de 3º ano, no período da manhã. Os questionários foram entregues em reuniões de pais e mestres, realizadas em fevereiro de 2024. A pesquisadora leu e explicou verbalmente os Termos de Consentimento Livre Esclarecidos (TCLE), assinados por eles⁴.

Dentre os respondentes há mães, pais, irmãs, avós, tias e cuidadores. No entanto, o critério para validar as respostas era que o respondente se identificasse também como a pessoa responsável pela vida escolar do aluno, independentemente de laços consanguíneos (Mello, 2002).

Foram entregues 80 (oitenta) questionários que correspondem a 26,75% do total de alunos (é necessário lembrar que alguns respondentes são responsáveis por mais de um aluno matriculado nesta escola). Ao final da coleta, foram devolvidos 79 (setenta e nove) questionários respondidos, dos quais, 9 (nove) foram invalidados

³ Como se trata de uma pesquisa realizada em um local específico, no caso a escola que possui um responsável principal, foi entregue à Diretora, em duas vias, sendo uma para arquivamento do pesquisador, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE, para autorização da realização da pesquisa dentro da Unidade Escolar, com a explicação do tema de pesquisa, identificação do pesquisador, dados do pesquisador e seu orientador e local de estudo.

⁴ A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP e o processo nº 71165123.7.0000.5482 foi aprovado.

para a análise de dados, pois, 3 (três) não foram respondidos pelo responsável pela vida escolar da criança (questão que foi acrescentada após o pré-teste e demonstrou-se de grande importância) e 6 (seis) foram preenchidos parcialmente. Dois respondentes não eram alfabetizados e foram auxiliados na leitura e marcação das respostas, mas apenas um destes foi considerado válido, pois, o outro indicou que uma terceira pessoa era quem se encarregava dos assuntos escolares da criança. Logo, a amostra válida para a pesquisa é de 70 (setenta) questionários válidos, o que representa 23,41% do total de 299 alunos matriculados na escola, é importante frisar que foi feita a base de dados de acordo com o número de alunos, pois, como já descrito anteriormente há respondentes que são responsáveis por mais de um aluno na Unidade Escolar.

Procurando maior fidelidade possível com a realidade nas respostas, sem deixar que as emoções do pesquisador interferissem nos resultados e por tratar-se de um assunto que para muitos pode ser delicado, que são os filhos, o instrumento de pesquisa aqui utilizado foram os questionários de pesquisa, que possibilitam a anonimidade do sujeito, podendo permitir que o respondente use de maior sinceridade, pois, o medo do julgamento e, por vezes, o pudor por responder determinada questão, podem fazer com que o respondente omita ou até mesmo fantasie algumas situações, logo, a aplicação dos questionários tornou-se mais viável para este estudo. Com isto, o respondente pode sentir-se mais à vontade e livre para responder, como afirma Selltiz *et al.* (1975, p. 269):

Outra vantagem dos questionários, é que as pessoas podem ter maior confiança em seu anonimato e, por isso, se sentem mais livres para exprimir opiniões que temem ver desaprovadas ou que poderia colocá-las em dificuldades.

De acordo com Selltiz *et al.* (1975), além da vantagem de os questionários apresentarem um caráter impessoal, os padrões das frases, a ordem das questões, as instruções e o uso em conjunto das respostas, podem garantir uma certa uniformidade e, assim, facilitar a mensuração do conjunto de dados coletados.

Para o autor, há também outros fatores importantes para aumentar a eficiência no uso deste instrumento, dentre elas a aplicação de um pré-teste e a presença de alguém para auxiliar durante a aplicação do questionário, que podem assegurar, também, maior uniformidade das perguntas e o entendimento destas.

Seguindo essa orientação, foi realizado um pré-teste que ajudou a identificar incompreensões e imprecisões das questões formuladas. Após o pré-teste, houve o acréscimo de questões julgadas importantes, objetividade das afirmações ao observar que não houve resposta de determinada questão em mais de 5 (cinco) testes, retirada de questões com alto índice de respostas idênticas e neutras (não concordo e nem discordo), e separação de afirmações de opinião e atitudes para a elaboração do questionário final, pois, o grau de concordância não necessariamente deixou claro a frequência de suas práticas, não podendo avaliar de fato as atitudes diante das afirmações.

Após o pré-teste, ficou evidente a necessidade de uma questão que indicasse quem é o sujeito responsável pela vida escolar da criança, pois, diante das análises verificou-se excesso de respostas em relação ao dia a dia do aluno fora da escola, como “nem concordo e nem discordo”, ou seja, os sujeitos que estavam na reunião e responderam ao questionário, poderiam apenas estar representando os responsáveis que, naquele momento, estavam ausentes. Outra possibilidade seria a de que um dos responsáveis foi à reunião, mas quem de fato acompanha a vida escolar no dia a dia do aluno fosse o que se ausentou, o que também poderia proporcionar a imprecisão das respostas.

Os questionários foram elaborados com base nas escalas de atitude (escalas de likert), “que se baseia na premissa de que a atitude geral se remete às crenças sobre o objeto da atitude, à força que mantém essas crenças e aos valores ligados ao objeto” (Veludo de Oliveira, 2001).

De acordo com Selltiz *et al.* (1975) quando o sujeito é colocado para se autoavaliar, considerando que ele está ciente sobre seus sentimentos e não vê problemas em revelá-los, este sujeito por estar nesta posição é o melhor descritor de seus sentimentos, crenças etc., do que qualquer outra pessoa. Por esse motivo, a escolha das escalas de mensuração foi o caminho escolhido para esta pesquisa, pois, ainda de acordo com Selltiz *et al.* (1975), mesmo com as dificuldades existentes neste método, pode-se afirmar que estas apresentam utilidade na mensuração de atitudes sociais, como afirma:

No caso de sentimentos e crenças de que, segundo se pode esperar, o indivíduo está consciente e disposto a descrever – por exemplo, atitudes com relação a programas de televisão -, as autoavaliações constituem uma útil fonte informação. Com relação a certas características de atitudes – por exemplo, intensidade, importância etc. – verificou-se até agora que as

autoavaliações constituem a única fonte satisfatória de informação. A atenção dada pelo pesquisador a algumas questões – por exemplo – clara especificação da dimensão a ser avaliada e definição do quadro de referência ou dos padrões dentro dos quais devem ser feitas as avaliações – podem contribuir para reduzir as possibilidades de deformação nas autoavaliações e para aumentar sua utilidade (Sellitz *et al.*, 1975, p. 307).

Falar sobre atitude, portanto, é algo complexo. Rodrigues, Assmar e Jablonski (1972) dedicaram-se a discorrer sobre o tema, dividindo seu conceito em três partes. Em primeiro lugar, definem que as atitudes servem como premissa de comportamento, ou seja, de acordo com a atitude do sujeito, é possível prever a ação dele em relação a determinado objeto ou situação, como exemplificado pelo autor:

Se sabemos, por exemplo, que uma pessoa é favorável ao catolicismo, podemos prever com alta probabilidade de acerto que ela vai a igreja aos domingos, que ela respeita os dias santos, que ela batiza seus filhos na igreja católica, que ela obedece às determinações do Papa em matéria de fé, que ela matricula seus filhos em colégios católicos etc. Da mesma forma, se a este nosso conhecimento sobre esta pessoa se acrescenta um outro – o de que ela gosta de esportes em geral e de futebol em particular – será fácil prever que ela lê a seção de esportes dos jornais, que ela compare a competições esportivas, incentiva seus filhos à prática de esportes, e assim por diante (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 1972, p. 393).

Em segundo, definem que as atitudes sociais apresentam funções diferentes para cada sujeito, o que auxilia na formação do que chamam de “ideia mais estável da realidade” e protegem o “eu” de saberes indesejáveis.

Em terceiro lugar, as atitudes estão presentes em várias situações sociais sendo uma base para tal, por exemplo, nas relações de conflito e amizade. Rodrigues, Assmar e Jablonski (1972) apontam que para obter-se o bem-estar humano é preciso concentrar-se no papel exercido pelas atitudes do comportamento humano e que promover este bem-estar geral depende de mudanças de atitudes.

As atitudes sociais possuem um construto que se resume na ligação com aspectos cognitivos e comportamentais, sendo a atitude social um anseio a favor ou contra a algum objeto social, seja ele qualquer obra da humanidade, outro sujeito ou algum acontecimento de caráter social (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 1972).

Sintetizam:

Baseando-nos nas várias definições apresentadas, podemos sintetizar os elementos essencialmente característicos das atitudes sociais como sendo: (a) uma organização duradoura de crenças e definições em geral; (b) uma carga afetiva pró e contra; (c) uma pré-disposição à ação; (d) uma direção a

um objeto social. Sendo assim, podemos definir atitude social como sendo uma organização duradoura de crenças e cognições gerais, dotada de carga afetiva pró ou contra um objeto social definido, que predispõe a uma ação coerente com as cognições e afetos relativos a este objeto (Rodrigues; Assmar; Jablonski, 1972, p. 397).

Deste modo, os dados apresentados nesta pesquisa, são analisados a partir desse entendimento de atitude, visando identificar o que os pais e responsáveis dos alunos do Ensino Fundamental I de uma escola municipal periférica pensam sobre a educação escolar de seus filhos, a partir das ações que estes exercem sobre este tema.

As questões que compuseram o instrumento de coleta de dados foram divididas em duas partes: a primeira indicando o grau de concordância que compõe as opções (“concordo plenamente”, “concordo parcialmente”, “não concordo e nem discordo”, “discordo parcialmente” e “discordo plenamente”). Dentro destas possibilidades o sujeito, a partir de sua autoavaliação, irá expor sua opinião a respeito das afirmações. O chamado ponto “0” desta escala que no caso é a opção “não concordo e nem discordo” foi incluído, pois de acordo com Sellitz *et al.* (1975), este ponto é colocado como uma ausência de percepção sobre o tema. A segunda parte, contém afirmações com relação à frequência de atividades, na qual o sujeito pode assinalar dentro das opções “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “toda semana” e “todos os dias”.

Estas informações foram tratadas em conjunto e em forma de cruzamentos, para avaliar a opinião e as atitudes sobre o tema.

No questionário final preservou-se o anonimato dos participantes. Foram aplicadas 10 (dez) questões de ordem demográfica:

- Idade;
- Parentesco com o aluno;
- Quantidade de filhos e/ ou filhas e/ou dependentes;
- Quantidade de filhos e/ ou filhas e/ou dependentes em idade escolar;
- Quem mora junto a criança;
- Quem é o responsável pela vida escolar da criança;
- Gênero;
- Estado Civil;
- Escolaridade;
- Situação de trabalho.

Essas questões tiveram o objetivo de conhecer o perfil dos sujeitos respondentes. O questionamento sobre quem, de fato, é o responsável pela vida escolar da criança, possibilitou a validação do questionário e o acréscimo da questão em relação ao sexo do aluno, foi incluída com base na pesquisa realizada por Nascimento e Trindade (2010) sobre as diferenças em relação à criação de meninos e meninas em famílias de classe popular:

Os resultados deste estudo mostram que, para a maioria dos participantes, as práticas educativas para meninos e meninas são diferentes e as diferenças relatadas por pais, mães e filhos(as) estão claramente orientadas pelas representações de gênero que circulam no seu meio social. As respostas dos adolescentes sugerem que pais, mães, filhos e filhas compartilham da mesma compreensão sobre diferenças na educação de meninos e meninas na família (Nascimento; Trindade, 2010, p. 195).

Após esse conjunto de questões, havia dois quadros em formato *likert*: o primeiro contendo 26 (vinte e seis) afirmações sobre a vida escolar, sendo as respostas representadas por sinalização no quadro de acordo com o grau de concordância dos sujeitos e outro quadro com 6 (seis) afirmações de frequência, com a intenção de medir a atitude dos sujeitos em relação à vida escolar dos filhos/dependentes, sendo as respostas representadas por sinalização no quadro de acordo com a frequência que os sujeitos realizavam tais atividades

As questões que compuseram o primeiro quadro atendiam e esses itens:

- Valorização da educação- 1, 2,4,5,8,13,17,20,24 e 25.
- Como os pais se relacionam com as práticas pedagógicas da escola-3,6, 9,10,11,12,14,15, 16,19,21 e 26.
- Relações interpessoais-7,18,22,23.
- Dentro desta divisão, foram subdivididas⁵ novamente, em:
- Opinião dos pais sobre os estudos dos filhos/dependentes: Questões – 2, 4, 5, 6, 8, 9, 12, 13 e 14.
- Relação trabalho e escola: Questões – 1, 15, 17, 19, 24 e 25.
- Opinião sobre a escola (funcionamento, estrutura...): Questões – 10, 11, 20, 21 e 26.
- Aspectos Pedagógico: Questões – 3, 7 e 22.

⁵ Esta subdivisão é apresentada apenas para conhecimento do leitor, pois, a primeira divisão apresentada que será levada em consideração na análise de dados é a do capítulo “discussão e resultados” deste estudo.

- Relação entre os alunos: Questões – 16, 18 e 23.

Esta divisão tem a intenção de relacionar uma visão macro do que pensam os pais sobre a educação escolar, sua opinião a respeito de sua importância, se a relacionam diretamente com o trabalho e como o fazem, como veem a função da escola, o conhecimento que têm em relação às ações pedagógicas da escola e se têm conhecimento da vida social dos filhos/dependentes dentro do ambiente escolar.

O segundo questionário foi organizado em afirmações numeradas de 1 a 6, das quais todas referem-se às ações cotidianas dos pais/responsáveis ante a educação escolar dos filhos e a participação deles dentro e fora da escola.

Por último, foi acrescentada uma questão de ordem demográfica, a data de nascimento do respondente, com a intenção de verificar com o cruzamento junto com a primeira questão do questionário que é a idade, o grau de atenção que o sujeito manteve até o final da pesquisa e a aproximação de suas respostas com a realidade.

Os modelos dos questionários aplicados, tanto do pré-teste quanto do questionário final e seus respectivos Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos, estão explicitados no item “anexo” deste estudo.

CAPÍTULO III - DISCUSSÃO E RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados e as discussões a partir dos dados coletados nos questionários. Primeiramente, estão apresentados os dados demográficos e em seguida a análise de dados e discussões a partir dos questionários aplicados.

3.1 Dados demográficos

Como apresentado no capítulo 2, a questão que validou os questionários analisados neste estudo era: “Quem é o responsável pela vida escolar da criança?” pois ela garantia que o respondente também se identificasse como responsável pela criança.

Dentre os 70 questionários válidos temos o seguinte perfil em relação ao vínculo com a criança:

- 29 questionários foram respondidos pelas mães dos alunos, nos quais elas se autodenominam as responsáveis pela vida escolar da criança;
- 26 dos questionários também foram respondidos pela mãe, porém, estas declaram dividir esta responsabilidade com os pais dos alunos;
- 7 dos questionários foram respondidos pelos pais, nos quais estes declaram dividir esta responsabilidade com as mães dos educandos;
- 3 dos questionários foram respondidos pelas tias das crianças, que também se autodeclararam responsáveis pela vida escolar dos alunos, e estas também residem com a criança e há a presença da mãe;
- 2 dos questionários foram respondidos pelas avós das crianças, no qual uma avó relata dividir esta tarefa com a mãe e o pai da criança e a outra avó alega compartilhar com a mãe da criança esta responsabilidade;
- 1 dos questionários foi respondido pela mãe, que alegou dividir a vida escolar de seu filho com seu companheiro, padrasto da criança;
- 1 dos questionários foi respondido pela mãe, que alegou dividir esta tarefa com a avó da criança.
- 1 dos questionários foi respondido pela irmã da criança, que alegou dividir esta tarefa com a mãe.

A tabela 1 sintetiza essas informações:

Tabela 1 - Responsável pela vida escolar das crianças

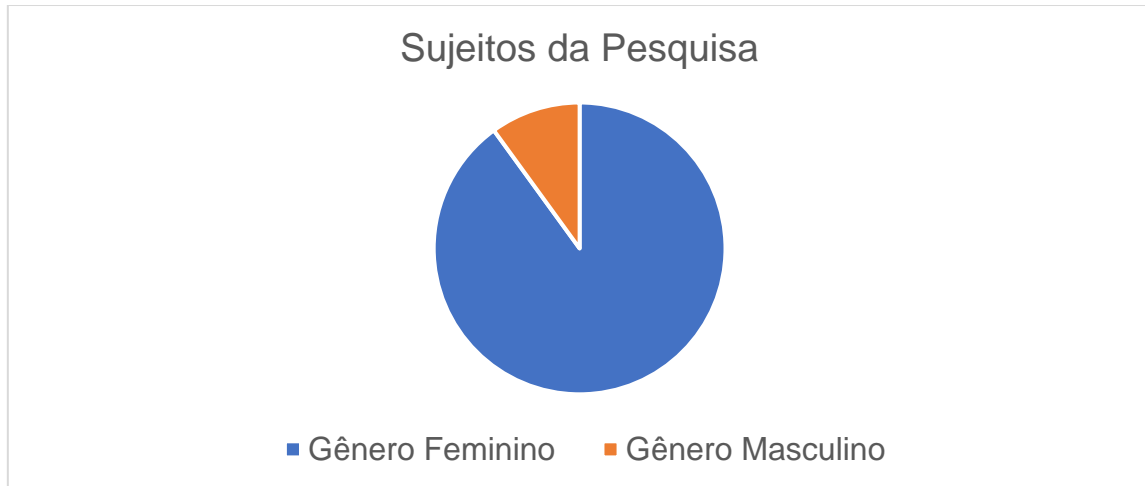
Responsável pela vida escolar da criança	Total	%
Mãe	29	41,4%
Mãe e pai	33	47,1%
Pai e mãe Avó, mãe e pai/ Avó e mãe	3	4,3%
Tia	3	4,3%
Mãe e padrasto	1	1,4%
Mãe e irmã	1	1,4%
Total	70	100%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Diante do exposto, é interessante observar que mesmo com as mudanças ocorridas nas famílias na contemporaneidade, mencionado no primeiro capítulo com base nos escritos de Mello (2002), a figura feminina sempre é, senão totalmente, uma das responsáveis pela vida escolar das crianças. Em 95,7% dos casos, é a mãe do estudante e, na sua ausência, as tias, que, no caso, representam a figura materna, pois, moram com a criança e não há a presença da mãe. Mas é possível também notar que 58,6% dessas mães dividem esta tarefa com mais algum ou alguns dos membros das famílias, como também referenciado no primeiro capítulo, quando se tratou da reorganização de funções dentro das famílias, após a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Levando em consideração o número total de respondentes, pode-se notar que a presença feminina (63 mulheres), nesta reunião de pais (levando em consideração apenas os questionários que foram validados para este estudo), concretiza a afirmação acima, pois, 90% dos respondentes são as mulheres contra 10% de homens (7 respondentes)⁶, como representado no gráfico 1:

⁶ Não houve, neste estudo, nenhuma resposta sobre gênero diferente de feminino e masculino, mesmo havendo a opção de o respondente se declarar livremente, como mostram os modelos dos questionários no anexo desta dissertação.

Gráfico 1 - Declaração de Gênero dos respondentes

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Confirmando, mais uma vez, a cultural sobrecarga posta à mulher, como é possível observar na diferença discrepante da presença feminina nesta reunião de pais que possibilitou a coleta de dados do presente estudo e na declaração de responsabilidade do cuidado da vida escolar dos filhos/dependentes, unida às afirmações feitas pelos autores citados neste estudo que apontam que a mulher ainda é a responsável pelos cuidados com o lar, mesmo levando em consideração as diferentes formações das famílias na contemporaneidade (Mello, 2002) e a distribuição de funções dentro da organização das famílias em relação ao trabalho externo, ao nos depararmos com o estado civil dos respondentes, representados a seguir em tabela:

Tabela 2 - Estado Civil dos respondentes

Estado Civil	Total	%
Casado/Morando Junto	57	81,4%
Separado/Divorciado	2	2,9%
Solteiro	10	14,3%
Viúvo	1	1,4%
Total	70	100%

Fonte: Dados coletados pelos questionários e organizados pela autora

Ainda a respeito da sobrecarga de trabalho feminino, analisando a tabela 2, fica evidente que apesar de 81,4% indicarem que estão em algum tipo de relacionamento, 52,8% indicam dividir essa tarefa com seus companheiros.

Em relação ao núcleo familiar, temos as seguintes composições:

Tabela 3 - Formação das famílias

Famílias e suas formações	Número de Famílias com as composições	Número de membros
Irmão, Tia, Tio	1	4
Mãe	6	2
Mãe e Pai	21	3
Mãe, Irmã	1	3
Mãe, Irmã, Avó, Avô	1	4
Mãe, Irmã, Irmão e Padrasto	1	5
Mãe, Irmã, Padrasto	1	4
Mãe, Irmão, Irmã	1	4
Mãe, Irmão, Tia, Avó, Avô	1	6
Mãe, Padrasto	2	3
Mãe, Pai, Irmã	11	4
Mãe, Pai, Irmão	10	4
Mãe, Pai, Irmão, Irmã	7	5
Mãe, Pai, Tio	1	4
Pai	1	2
Tia	1	2
Tia e Tio	1	3
Mãe, Pai, Irmão e Avó	1	5
Sem resposta	1	-
Total	70	-

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Conforme estudo de Mello (2002), há uma pluralidade de composições que são denominadas famílias. Esse dado fica evidente ao observarmos as diferentes formações de famílias apresentadas na tabela acima: há desde famílias monoparentais (as que são compostas apenas por um membro das famílias e seu ou seus filhos, como por exemplo, as formadas só por mãe e filho (as) ou pai e filho (as)) as famílias extensas (quando há a presença de avós e tios, junto aos pais, por exemplo).

Outro dado que fica evidente é a diminuição de filhos destas famílias (tabela 4) se compararmos aos estudos de Martins (1972). O autor aponta famílias numerosas em sua maioria com mais de 3 filhos, porém deve-se levar em consideração a questão regional, pois, o estudo de Martins (1972), foi feito com famílias rurais, no qual, o autor mostra que a questão de reprodução também estava relacionada com o trabalho.

Tabela 4 - Número de filhos/dependentes por famílias

Número de Filhos(as)/dependentes	Número de famílias	%
1	21	30%
2	28	40%
3	13	19%
4	7	10%
Sem resposta	1	1%
Total	70	100%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Dentro das 70 famílias citadas neste estudo, apenas um respondente deixou esta questão em branco e as famílias têm majoritariamente (70% dos respondentes) entre 1 (30%) ou 2 (40%) filhos.

Esses achados corroboram com a pesquisa de Perez (2012) ao abordar a questão de diminuição na quantidade de filhos nas famílias na modernidade.

Em estudos anteriores (PEREZ, 2000; 2004; 2007; 2009) direcionados para a análise da educação familiar e escolar, constatamos que o grupo familiar sofreu diversas modificações que o fizeram adquirir algumas características marcantes, tais como: controle da natalidade e métodos contraceptivos; aumento da expectativa de vida; número de componentes diminuiu, tanto em número de filhos, como também, em número de adultos; inserção da mulher no mercado de trabalho e alteração do papel doméstico atribuído só à mulher; ruptura da dinâmica tradicional provedor/homem e dona de casa/mulher; aceitação da dissolução do vínculo conjugal; busca da igualdade entre os sexos nas relações sociais; intensas mudanças geográficas e sócio-econômicas dos integrantes da família; oscilação constante na construção da identidade do indivíduo diante da instabilidade da trajetória social; aumento - de forma brutal - da influência dos meios de comunicação, no que diz respeito à difusão de valores; conseqüentemente, a escola passou a ter presença mais ativa e precoce na educação das crianças, principalmente, em vista da democratização e da obrigatoriedade do Ensino Fundamental (Perez, 2012, p. 13).

Ainda dialogando com o estudo de Perez (2012), descrevemos a situação de trabalho, comparada ao gênero.

Tabela 5 - Situação de trabalho comparada ao gênero dos participantes

Situação de Trabalho	Total	Feminino	Masculino
Aposentado	1	1	0
Autônomo	16	16	0
Desempregado	21	21	0
Dono do próprio Negócio	3	2	1
Empregado	22	18	4
Outra situação	4	3	1
Sem resposta	2	1	1
Trabalhador temporário	1	1	0
Total	70	63	7

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Esses dados corroboram também com os escritos de Sarti (1994) quando a autora relata que a figura do homem ainda é vista como provedor do lar (com exceção de 1 dos respondentes que deixou a questão em branco), todos os demais participantes do sexo masculino alegaram exercer alguma atividade remunerada e mesmo levando em consideração o número reduzido de homens que responderam, nota-se na formação das famílias que ele é visto como provedor, mas, percebe-se que não é o único, pois, entre as mulheres, nota-se que também são provedoras ou copartícipes no rendimento familiar, já que a maioria (65%) indicou executar alguma atividade que garanta rendimento financeiro. Ao compararmos com a tabela 1, que mostra quem é o responsável pela vida escolar da criança, pode-se notar que nenhum destes respondentes do sexo masculino se autointitulou ser o único responsável pela vida escolar dos dependentes, ao contrário de muitas mulheres que mesmo executando alguma atividade remunerada e em alguns casos residindo com um parceiro, ainda sim assumem essa responsabilidade sozinha.

O conjunto de questões apresentadas até aqui também reforçam o que Sarti (1994) indica sobre a visibilidade da mulher como administradora do lar e responsável por cuidar dos membros das famílias. Essa realidade permanece, mesmo que esta possa dividir as tarefas do lar e seu sustento com seu parceiro.

Em relação à faixa etária, embora haja uma dispersão entre 18 e 55 anos, a maior parte dos participantes tem entre 30 e 49 anos (30 a 39 anos 50% da amostra e mais 25,7% entre 40 e 49 anos. Apenas um respondente deixou este campo em branco.

Tabela 6 - Faixa etária

Faixa etária	Número de Sujeitos	%
18 anos	1	1,4%
De 20 a 29 anos	13	18,5%
De 30 a 39 anos	35	50%
De 40 a 49 anos	18	25,7%
50 anos ou mais	2	2,8%
Sem resposta	1	1,4%
Total	70	100%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Importante destacar que dentro desses 50%, que representam a faixa etária de 30 a 39 anos, há maior incidência de 32 anos, que representam 13% da amostra total da coleta, seguido de 35 anos, que representam 8,5 %.

Em relação à escolaridade, a maior concentração está no Ensino Médio completo, conforme tabela:

Tabela 7 - Grau de escolaridade dos participantes

Escolaridade	Número de Sujeitos
Ensino Fundamental I Completo	4
Ensino Fundamental I Incompleto	5
Ensino Fundamental II Incompleto	0
Ensino Fundamental II Completo	3
Ensino Médio Completo	41
Ensino Médio Incompleto	5
Ensino Superior Cursando	6
Ensino Superior Completo	4
Ensino Superior Incompleto	1
Pós-graduação	1
Total	70

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Esse é um dado importante de ser destacado, pois os estudos de Martins (1972), que também realizou sua pesquisa com pais de alunos de zonas rurais, indicavam que poucos assinavam o nome, demonstrando uma das muitas faces do analfabetismo no Brasil. A pesquisa de Perez (2012) destacou a importância das

políticas de obrigatoriedade do Ensino Fundamental do qual esses pais, pela concentração etária entre 30 e 49 anos, de algum modo foram beneficiados. Assim, encontrar resultados de conclusão do Ensino Médio demonstra a importância das políticas de garantia de acesso e permanência na educação.

3.2 Grau de concordância sobre a vida escolar

Nesse item, apresentamos as respostas às questões *likert* que tinham como intenção captar o grau de concordância dos pais sobre a vida escolar de seus filhos.

A tabela 8, a seguir, apresenta a porcentagem conforme o grau de concordância de cada afirmação para posteriormente serem analisadas em conjunto, conforme a temática central de sua formulação (apresentada no capítulo 2).

- Valorização da educação escolar - 1, 2,4,5,8,13,17,20,24 e 25.
- Como os pais se relacionam com as práticas pedagógicas da escola-3,6, 9,10,11,12,14,15, 16,19,21 e 26.
- Relações interpessoais - 7, 22, 23.

Após essa análise, são apresentadas as escalas de frequência de ações que os pais/responsáveis executam diante de assuntos sobre a vida escolar de seus filhos (as)/dependentes.

Tabela 8 - Questionário de pesquisa-grau de concordância

(continua)

Afirmações a respeito de opiniões sobre a escola	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
1- Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro.	92,9%	7,1%			
2- É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.	91,3%	8,7%			
3- Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).	76,6%	21,9%	1,6%		
4- Os responsáveis pela criança só devem deixá-las faltar a escola em caso de extrema necessidade.	84,1%	15,9%			
5- Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.	91,3%	8,7%			
6- A escola deveria ter passeios a museus para incentivar a cultura dos alunos.	86,8%	11,8%	1,5%		
7- Procuo sempre manter uma boa relação com escola.	95,5%	4,5%			
8- A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.	94,2%	4,3%		1,4%	
9- Acredito que o desenvolvimento escolar do aluno depende unicamente da escola.	4,5%	26,9%	6%	19,4%	43,3%
10- Quando os pais/responsáveis precisam viajar fora das férias dos alunos, a escola deve passar tudo que ele perdeu quando ele voltar.	41,2%	27,9%	16,2%	8,8%	5,9%
11- A escola deveria funcionar também, aos finais de semana, pois, tem pais/responsáveis que trabalham no sábado e domingo.	3,1%	17,2%	20,3%	20,3%	39,1%
12- É importante ir à escola para aprender a viver em sociedade.	76,5%	17,6%	2,9%	1,5%	1,5%

Tabela 8 - Questionário de pesquisa-grau de concordância

(continua)

Afirmações a respeito de opiniões sobre a escola	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
13- As crianças devem ter um local reservado em casa para estudar.	62,1%	30,3%	7,6%		
14- Não deveria haver lição de casa, pois atividades escolares devem ser feitas apenas na escola.	10,8%	7,7%	10,8%	20%	50,8%
15- Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.	1,6%	4,8%	7,9%	23,8%	61,9%
16- Essa escola tem graves problemas de violência entre os alunos	3,2%	6,5%	16,1%	22,6%	51,6%
17- Estudar é importante para ter um bom emprego.	89,4%	6,1%	3%		1,5%
18- Há alguns alunos na escola que sempre causam os problemas que envolvem violência.	14,5%	12,9%	30,6%	17,7%	24,2%
19- A escola deveria ter mais passeios a fabricas e indústrias para incentivar mais os alunos ao trabalho.	61,8%	17,6%	8,8%	5,9%	5,9%
20- A escola deveria distribuir cesta básica, ao invés de oferecer merenda escolar.	7,8%	4,7%	15,6%	15,6%	56,3%
21- A escola deveria cuidar melhor do material escolar dos alunos, meus filhos reclamam que "some" e perdem sempre.	7,9%	9,5%	20,6%	19%	24,9%
22- Como responsável, me relaciono muito bem com todos os professores da escola, inclusive com a direção.	84,8%	12,1%	1,5%	1,5%	
23- Meu filho tem um bom relacionamento com os outros colegas.	82,6%	11,6%	2,9%	2,9%	

Tabela 8 - Questionário de pesquisa-grau de concordância

(conclusão)

Afirmações a respeito de opiniões sobre a escola	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
24- Hoje em dia no mundo que vivemos, é melhor investir no trabalho do que nos estudos.	7,7%	6,2%	9,2%	15,4%	61,5%
25- Gostaria que meu filho fizesse sucesso na internet, assim ele não precisaria mais estudar e teria uma boa vida financeira.	6,2%	3,1%	7,7%	12,3%	70,8%
26- Os professores da escola de meu filho são atenciosos com todos.	79,7%	12,5%	6,3%	1,6%	

Fonte: Dados coletados pela autora deste estudo

3.2.1 Valorização da Educação Escolar

Ao analisar-se as afirmações que dizem respeito à valorização da educação escolar, pode-se notar que há, na visão dos pais/responsáveis, uma grande preocupação e uma demonstração de importância sobre o tema, pois, a maioria das questões que fazem parte deste bloco, apresentam as seguintes respostas:

O conjunto de respostas às afirmações de número “1- Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro.” (92,9%), “2- É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.” (91,3%), “4- Os responsáveis pela criança só devem deixá-las faltar à escola em caso de extrema necessidade.” (84,1%), “5- Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.” (91,3%), “8- A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade” (94,2%) e “17- Estudar é importante para ter um bom emprego” (89,4%), nas quais, mais de 80% dos respondentes concordam plenamente, demonstra que estes responsáveis têm ciência de que sua participação como incentivadores na vida escolar de seus(as) filhos(as)/dependentes faz parte do processo de aprendizagem deles e que a escola tem extrema importância no futuro de seus(as) filhos(as)/dependentes, principalmente em relação a expectativas futuras de trabalho, relacionando os estudos como uma possibilidade de melhores condições de emprego.

Ao analisar as respostas às afirmações de número 13- “As crianças devem ter um local reservado em casa para estudar” (62,1% Concordam plenamente e 30,3% Concordam parcialmente), percebe-se que essas famílias entendem que o trabalho da escola vai além da sala de aula, sendo necessário uma rotina em casa que envolva as atividades escolares e que precisam de um tempo e um local adequado para elas, o que, de fato, demonstra também, que há por parte desses respondentes, uma atenção especial em relação aos assuntos escolares de seus filhos, tema este de importância para eles. Nem sempre não haver um local específico para o estudo é expressão de menor importância para as famílias, mas os 30,3% dos respondentes que concordam parcialmente podem ter, por hipótese, dificuldades de ofertar esses locais devido às condições econômicas e de moradia.

Analisando as respostas às afirmações “24- Hoje em dia no mundo que vivemos, é melhor investir no trabalho do que nos estudos” (61,5% discordam plenamente e 15,4% discordam) e “25- Gostaria que meu filho fizesse sucesso na

internet, assim ele não precisaria mais estudar e teria uma boa vida financeira” (70,8% discordam plenamente e 12,3% discordam), pode-se afirmar que esses respondentes fazem sim uma associação da escola com o trabalho, porém, a preocupação com o estudar vai além desta questão e as respostas a estas duas afirmações demonstram que as expectativas que carregam nos estudos de seus filhos(as)/dependentes vão além do âmbito de ascensão social, diferentemente do que foi encontrado nos estudos aqui citados de Martins (1972), nos quais os pais viam nos estudos dos filhos uma esperança de melhores condições de trabalho e de sobrevivência. Ao discordarem totalmente da afirmação 25, estes responsáveis demonstram preocupação com o saber e com a aprendizagem em geral e não unicamente no trabalho em questões financeiras.

Por último, vale destacar as respostas à afirmação de número “20- A escola deveria distribuir cesta básica, ao invés de oferecer merenda escolar” (56,3% discordam totalmente e 15,6% discordam) na qual, mais de 70% desses respondentes não concordam com a escola distribuir cestas básicas ao invés de oferecer merenda, o que se permite concluir que há o entendimento deles, que a escola precisa sim distribuir a refeição aos estudantes devido ao longo período que estes permanecem na escola, mas que sua função não é a de prover o alimento ao lar do estudante, o que demonstra que nesta parte a escola não é interpretada como assistencialista.

Analisando esse conjunto de afirmações, classificadas e elaboradas na tentativa de extrair o grau de valorização que a educação escolar dos(as) filhos(as)/dependentes representam aos pais/responsáveis, pode-se concluir que há uma alta valorização por parte deles e que a escola é crucial para o desenvolvimento dessas crianças, indo muito além de um espaço seguro para ficarem longe dos perigos das ruas enquanto os pais trabalham, é vista como fundamental no desenvolvimento integral do educando, logo, a escola exerce papel educativo importante para estas famílias.

3.2.2 Relações famílias e escola, sobre as práticas pedagógicas

Analisando agora o segundo conjunto de questões, temos as respostas sobre como as famílias se relacionam com as práticas pedagógicas da escola. É possível notar nas questões “3- Eu sei o que os professores querem do meu filho (a)” (76,6% Concordam Plenamente), “26- Os professores da escola de meu filho são atenciosos

com todos” (79,7% Concordam Plenamente), “16- Essa escola tem graves problemas de violência entre os alunos” (22,6% discordam e 51,6% discordam totalmente). Afirmam que há um diálogo entre famílias e escola e que, em sua maioria, os pais/responsáveis se sentem bem atendidos pelos professores, o que indica que no contexto pedagógico e de convivência com os alunos, se sentem satisfeitos e participantes da vida escolar do aluno. Porém, ao verificar as respostas para a afirmação de número “18- Há alguns alunos na escola que sempre causam os problemas que envolvem violência” (30,6% não concordam e nem discordam e 24,2% discordam totalmente), a maior parte dos respondentes assinalam “nem concordo e nem discordo”, ponto considerado “neutro”. Essa resposta indica que as famílias não sabem opinar nesta questão, mas que se há algo do tipo, não chega a seu conhecimento, o que se pode dizer, comparando com a questão de número 3, que os responsáveis, ao terem contato com os professores, abordam assuntos individuais de seus dependentes e que se há algum problema do tipo na escola, pode ser um caso isolado.

As questões de número “14- Não deveria haver lição de casa, pois atividades escolares devem ser feitas apenas na escola” (20% discordam e 50,8% discordam totalmente) e “15- Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares porque isso é função da professora” (23,8% discordam e 61,9% discordam totalmente), assim como as primeiras questões analisadas no bloco anterior a este, mostram que os pais/responsáveis compreendem que a educação escolar de seus(as) filhos(as)/dependentes vai além dos muros da escola e que os professores não devem fazer este trabalho sozinhos, ao afirmarem que discordam que não deveria haver lições de casa ou que não deveriam ajudar os filhos, estes respondentes entendem que o trabalho da educação escolar desses alunos se estendem ao lar e não ao contrário, o que também pode ser notado ao considerar as respostas à afirmação de número “21- A escola deveria cuidar melhor do material escolar dos alunos, meus filhos reclamam que "some" e perdem sempre” (19% Discordam e 24,9% discordam totalmente), na qual a maioria dos sujeitos não concordam que zelar pelos materiais escolares individuais das crianças é uma responsabilidade que deve ser atribuída à escola, porém esta questão pode ser questionada, pois 20,6% dos respondentes não concordam e nem discordam desta afirmação. A questão que chamou atenção neste sentido, foi de número “9- Acredito que o desenvolvimento escolar do aluno depende

unicamente da escola” (na qual 19,4% discordam e 43,3% discordam totalmente, porém 26,9% concordam parcialmente), o que reflete uma certa divergência de opiniões sobre o assunto, fugindo da tendência apresentada acima.

Em relação a aprender a conviver e que a escola vai além de seus conteúdos curriculares, esses responsáveis também reconhecem que a escola é um local de extrema importância no desenvolvimento social do aluno, o que fica claro ao observar as respostas à afirmação de número “12- É importante ir à escola para aprender a viver em sociedade” (76,5% Concordam plenamente) e unindo as questões de número 10- “Quando os pais/responsáveis precisam viajar fora das férias dos alunos, a escola deve passar tudo que ele perdeu quando ele voltar.” (41,2% Concordam plenamente e 27,9% Concordam parcialmente) e de número “19- A escola deveria ter mais passeios a fábricas e indústrias para incentivar mais os alunos ao trabalho” (61,8% Concordam plenamente), unida à questão de número “6- A escola deveria ter passeios a museus para incentivar a cultura dos alunos” (86,6% Concordam Plenamente), pode-se afirmar que há pluralidade de valores que esses responsáveis atribuem a escola, na qual veem parte do desenvolvimento social, intelectual, profissional e cultural de seus(as) filhos(as) dependentes.

Percebe-se que a visão que esses sujeitos têm a respeito da escola é de que ela é um local de múltiplas funções, mas que não se perde de vista a função principal que ela exerce, que é ser um local de aprendizagem. Isso fica claro ao analisar as respostas da afirmação de número “10- Quando os pais/responsáveis precisam viajar fora das férias dos alunos, a escola deve passar tudo que ele perdeu quando ele voltar” (41,2% Concordam plenamente e 27,9% Concordam parcialmente), na qual, os respondentes percebem que cada dia que o aluno se ausenta das aulas, ele perde em questão de aprendizagem e mostra que se caso este aluno não possa comparecer à escola, é importante que de alguma forma ele tenha acesso ao conteúdo trabalho nos dias de sua ausência, conclusão esta que atrelada às respostas obtidas na afirmação de número “11- A escola deveria funcionar também, aos finais de semana, pois, tem pais/responsáveis que trabalham no sábado e domingo” (20,3% Não concordam e nem discordam, 20,3% Discordam parcialmente, 39,1% Discordam totalmente), na qual a maioria dos responsáveis discordam ou se mantêm neutros à questão de a escola funcionar aos finais de semana, pois alguns deles trabalham, corrobora com a afirmação acima de que a escola é um local de aprendizagem e não

somente um local para os (as) filhos(as)/dependentes ficarem seguros enquanto os responsáveis proveem o sustento do lar ou um local de lazer para as crianças, porém, os 20,3% dos respondentes que não concordam e nem discordam com essa afirmação, deixam em dúvida se não souberam opinar ou se têm a necessidade de deixar seus filhos na escola, por alguma especificidade, mesmo sem concordar.

As famílias reconhecem que a escola é um local do saber, de aprendizagem, mesmo que seja rotineira a ida à escola, o valor que se atribui a ela não se perdeu para a “rotina”.

3.2.3 Relações interpessoais

A terceira separação, que se refere às relações interpessoais representadas pelas questões de número “7- Procuo sempre manter uma boa relação com a escola” (95,5% Concordam plenamente), “22- Como responsável, me relaciono muito bem com todos os professores da escola, inclusive com a direção” (84,8% Concordam plenamente) e “23- Meu filho tem um bom relacionamento com os outros colegas” (82,6% Concordam plenamente).

Percebe-se que há um bom relacionamento interpessoal na escola, tanto nas relações entre as famílias e a escola, quanto nas relações entre os alunos. Isso fica demonstrado também ao observar a avaliação que estes fizeram da escola (40,3 % avaliaram a escola como ótima; 37,1%, como boa e 22,6%, como regular), não havendo nenhuma avaliação que colocasse a escola como insatisfatória ou ruim. Isso não quer dizer que não haja conflitos de ideias ou insatisfação em alguns pontos desta comunidade escolar, mas que há uma compreensão de que famílias e escola devem se unir em prol da aprendizagem dos educandos e que há um diálogo flexível entre eles.

3.3 Resultados da coleta de dados, questionário de frequência

Como indicado em capítulo 2, a segunda parte do questionário foi formulada com 6 afirmações, descrevendo atividades relacionadas à rotina escolar, mas que envolvem a participação das famílias em alguma medida.

Tabela 9 - Afirmações de frequência, sobre a rotina escolar

Afirmações da rotina escolar	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	TODA SEMANA	TODOS OS DIAS
1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a). Ação que pode ser feita a qualquer momento	4,7%	3,1%	20,3%	18,8%	56,1%
2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça. Exige presença física na escola, mas não conhecimento (saberes)	1,6%	1,6%	29,7%	9,4%	57,8%
3- Vou a escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos. Exige presença física na escola, mas não conhecimento (saberes)	3,1%	15,6%	39,1%	6,3%	35,9%
4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula. Ação que não demanda tempo ou saber específico, mas que mostra interesse pela aprendizagem		1,6%	4,8%	19%	74,6%
5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa. Exige presença e condições para saber ensinar/ acompanhar	19,7%	6,1%	13,6%	9,1%	51,5%
6- Pergunto ao meu (minha) filho (a) o que tinha de merenda na escola. Ação que não demanda tempo ou saber específico, e demonstra interesse pela dinâmica da escola (não aprendizagem / pode reforçar uma ideia não tão assistencialista da escola pelas famílias)	14,1%	12,5%	9,4%	6,3%	57,8%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Ao observar as respostas, pode-se mencionar que há uma tendência de mais de 50% dos respondentes alegarem executar as ações de número “1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a)” (56,1% Todos os dias), “2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça” (57,8% Todos os dias), “5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa” (51,5% Todos os dias) e “6- Pergunto ao meu (minha) filho (a) o que tinha de merenda na escola” (57,8% Todos os dias) diariamente, ou seja, há a possibilidade de estas atividades já fazerem parte da rotina destas famílias. Vale destacar que com a exceção de número 2 que é algo que não acontece, de fato, todos os dias, mas a resposta a esta afirmação dá a entender que todas as vezes que ocorre reunião, esses responsáveis estão presentes e por demandar um tempo específico para comparecer à escola, mesmo havendo mais da metade alegando presença, 29,7% comparecem “Às vezes”. Pode-se dizer que as demais ações podem ocorrer na rotina do lar simultaneamente a outras atividades em andamento, por exemplo, ao afirmar que todos os dias “Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a)”, pode ser feita ao mesmo tempo que se prepara uma refeição ou enquanto se organiza para a rotina do próximo dia, mas de alguma forma precisa de certa organização.

Vale destacar a afirmação de número “3- Vou a escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos” exige presença física na escola, mas não conhecimento (saberes) (39,1% às vezes) (35,9% todos os dias), na qual as respostas ficam divididas e a maioria dos respondentes alegam ir à escola para saber do desenvolvimento escolar de seus (as) filhos (as)/dependentes “às vezes”, o que pode ser justificado, por demandar um tempo reservado para esta visita, muitas vezes dificultado pelo fato destes responsáveis trabalharem fora, como é o caso da maioria dos participantes desta pesquisa. É válido também lembrar que esta coleta de dados foi realizada durante uma reunião bimestral de pais e mestres, logo, concretiza-se que mesmo que às vezes esses responsáveis se fazem presentes ou mandam um representante para comparecer à escola em momentos como este.

A afirmação de número “4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula”, ação que não demanda tempo ou saber específico, mas que mostra interesse pela aprendizagem (74,6% “todos dos dias”), é a que mais chama atenção, não somente por ter a maior tendência de ser realizada todos os dias, mas também por não haver nenhuma resposta de “nunca” ser executada, é possível que isso ocorra,

pois, perguntar a criança “O que você aprendeu na aula hoje?”, pode acontecer, por exemplo, durante o trajeto da escola para casa, o que não atrapalharia a demanda das demais atividades que o responsável pelo lar precisa executar ao chegar em casa. Essa pergunta também pode ser feita durante a realização de qualquer outra atividade, até mesmo a refeição e demonstra uma importância para as famílias de saber o que a criança vivenciou na escola. Mesmo não sendo a ação que a escola espera das famílias, demonstra que as famílias se interessam e colocam a escola como tema importante. Esta ação pode ajudar no desempenho dos estudantes, como mencionado anteriormente por Osti (2016).

De acordo com os dados acima apresentados, pode-se concluir que os pais/responsáveis acham a escola muito importante e sabem que é um local aonde os alunos vão com o objetivo principal de aprender. Isso fica evidente ao cruzarmos a questão 4 com a questão 6. Ambas as ações podem ser executadas independentemente de haver um tempo especial para isso, no entanto a questão que se refere à aprendizagem sobressai em relação à alimentação dentro da escola, de modo que podemos supor que a escola não é vista como assistencialista, mas principalmente como um local de aprendizagem, ou seja, as famílias estão mais interessadas em saber o que os alunos aprendem e não somente nos cuidados que recebem dentro desta instituição.

As análises mostram que as pessoas responsáveis pelas crianças que estão matriculadas nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental valorizam a educação e o trabalho escolar e, na medida do possível, estão presentes no cotidiano de seus filhos. Destacamos “na medida do possível” pois as duplas e triplas jornadas das mulheres – com o trabalho remunerado, os cuidados com a casa, com os familiares e com a educação dos filhos – muitas vezes dificultam a sua participação mais ativa nas atividades escolares (frequência das atitudes). Tal fato não significa que não valorizem os saberes que a escola ensina (visão sobre a vida escolar). Elas têm ciência que sua participação é importante e que é um assunto que merece sua atenção e o fazem da melhor maneira que podem.

3.4 Cruzamento de dados

Nesta etapa de tabulação dos resultados deste estudo, foi feito o cruzamento das afirmações, como proposto em capítulo anterior, da visão e da valorização que os pais/responsáveis têm da educação escolar e como veem seu papel neste processo, com as ações que executam cotidianamente dentro e fora do ambiente escolar, em relação aos estudos de seus (as) filhos (as)/dependentes.

Para isto, foram selecionadas algumas afirmações de opinião do primeiro questionário de pesquisa da primeira divisão sobre a valorização da educação escolar e duas afirmações sobre as práticas pedagógicas. Do segundo questionário, que se refere à frequência de ações realizadas por estes responsáveis, foram utilizadas às afirmações de 1 a 5. Em resumo, foi feita a separação da seguinte forma:

Afirmações de opinião:

- 1- Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro.
- 2- É importante ajudar os filhos a estudarem em casa, eu faço isso frequentemente.
- 3- Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).
- 5- Os pais devem incentivar as crianças a estudarem em casa.
- 8- A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.
- 15- Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.

Afirmações de frequência de ações:

- 1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a).
- 2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça.
- 3- Vou à escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.
- 4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula.
- 5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.

O primeiro conjunto de afirmações que se refere à valorização que os pais/responsáveis têm a respeito da educação escolar, mostra que o item é de grande importância para eles, mas se compararmos as ações, pode-se perceber que mesmo se importando, estes responsáveis não executam as ações necessárias em seu dia a

dia, ou seja, mesmo que considerem importante a vida escolar de seus dependentes e entendam que têm um grande papel a se executar, não o fazem da maneira “desejável”.

Foi feito o cruzamento das afirmações de grau de concordância referente à função dos pais/responsáveis em ajudar os filhos nas atividades escolares:

- 2- É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.
- 5- Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.
- 15- Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.
- Com a afirmação de frequência de ação:
- 5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.

Com o primeiro grupo de afirmações de grau de concordância, obteve-se as seguintes respostas:

Tabela 10 - Afirmação de grau de concordância, cruzamento 1

Afirmações de opinião	Grau de concordância	%
2- É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.	Concordo plenamente	91,3%
	Concordo parcialmente	8,7%
	Não concordo e nem discordo	0%
	Discordo parcialmente	0%
	Discordo totalmente	0%
5- Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.	Concordo plenamente	91,3%
	Concordo parcialmente	8,7%
	Não concordo e nem discordo	0%
	Discordo parcialmente	0%
	Discordo totalmente	0%
15- Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.	Concordo plenamente	1,6%
	Concordo parcialmente	4,8%
	Não concordo e nem discordo	7,9%
	Discordo parcialmente	23,8%
	Discordo totalmente	61,9%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Diante do exposto, pode-se perceber que os pais/responsáveis, em sua maioria, concordam que é importante ajudar seus (as) filhos (as)/dependentes nas atividades escolares e entendem seu papel na educação desses estudantes, porém, ao observar as respostas à afirmação de número “15-Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora”, nota-se que há uma

variedade nas respostas e mesmo que a maioria discorde desta afirmação, há alguns respondentes que concordaram ou se colocaram como neutros diante dela e, comparado às outras duas afirmações, pode-se perceber que eles não acham que é apenas função do professor, mas é mais provável que se deva ao fato de não conseguirem executá-las em casa, por vários motivos. Pode-se citar, talvez, a falta de tempo, ou a falta de entendimento, como citado por Chechia e Andrade (2005, p. 435) em seu estudo:

Muitas mães não conseguem ajudar nas tarefas porque não entendem o que é para fazer. Os métodos de ensino modificam-se muito e isto acaba sendo um fator que leva as mães a terem dificuldades em acompanhar os filhos em suas tarefas domiciliares. Os relatos revelam que elas sentem vontade de ajudar, mas se vêem impossibilitadas por não entenderem as tarefas.

Ao Cruzarmos esses dados com a afirmação de frequência de número 5, percebe-se uma variedade nas respostas, como nota-se na tabela abaixo:

Tabela 11 - Afirmação de frequência de ação, cruzamento 1

Afirmação de frequência	Frequência da ação	%
5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.	Nunca	19,7%
	Raramente	6,1%
	Às vezes	13,6%
	Toda semana	9,1%
	Todos os dias	51,5%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

O mesmo acontece ao cruzarmos as seguintes afirmações de grau de concordância:

- 1- Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro
- 3- Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).
- 8- A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.

Com as afirmações de frequência:

- 1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a).
- 2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça.
- 3- Vou à escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.
- 4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula.

Tabela 12 - Afirmação de grau de concordância, cruzamento 2

Afirmações de opinião	Grau de concordância	%
1- Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro	Concordo plenamente	92,9%
	Concordo parcialmente	7,1%
	Não concordo e nem discordo	0%
	Discordo parcialmente	0%
	Discordo totalmente	0%
3- Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).	Concordo plenamente	76,6%
	Concordo parcialmente	21,9%
	Não concordo e nem discordo	1,6%
	Discordo parcialmente	0%
	Discordo totalmente	0%
8- A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.	Concordo plenamente	94,2%
	Concordo parcialmente	4,3%
	Não concordo e nem discordo	0%
	Discordo parcialmente	1,4%
	Discordo totalmente	0%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Observando a tabela acima, pode-se afirmar que a maioria dos pais entendem que sua participação tem papel fundamental no desenvolvimento escolar de seus (as) filhos (as)/dependentes e que sabem o que a escola espera deles. Entretanto, no cruzamento com as afirmações de frequência, novamente, nota-se uma variedade nas respostas, mas o que chama atenção é justamente a compatibilidade das respostas às afirmações de opinião com as respostas encontradas na afirmação de frequência de número “4”, como é possível observar na tabela:

Tabela 13 - Afirmações de frequência de ação, cruzamento 2

Afirmação de frequência	Frequência da ação	%
1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a).	Nunca	4,7%
	Raramente	3,1%
	Às vezes	20,3%
	Toda semana	18,8%
	Todos os dias	56,1%
2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça	Nunca	1,6%
	Raramente	1,6%
	Às vezes	29,7%
	Toda semana	9,4%
	Todos os dias	57,8%
3- Vou à escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.	Nunca	3,1%
	Raramente	15,6%
	Às vezes	39,1%
	Toda semana	6,3%
	Todos os dias	35,9%

(continua)

Tabela 13 - Afirmações de frequência de ação, cruzamento 2

Afirmação de frequência	Frequência da ação	(conclusão)
		%
4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula.	Nunca	0%
	Raramente	1,6%
	Às vezes	4,8%
	Toda semana	19%
	Todos os dias	74,6%

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Deste modo, é possível concluir que semelhante à conclusão do primeiro cruzamento desta etapa, os responsáveis demonstram importância em incentivar e acompanhar a educação escolar de seus(as) filhos(as)/dependentes, mas que há uma variação em suas ações cotidianas e não há uma concordância entre sua opinião e suas ações. Mas o que chama atenção neste cruzamento, é que a frequência que executam a afirmação de ação número 4 é a única que apresenta compatibilidade entre opinião e ação, ou seja, esta é executada com maior frequência.

Diante desse achado, fez-se um novo cruzamento, trazendo para a discussão a situação de trabalho destes respondentes, pois, destacando a ação de número “4”, pode-se concluir, como apresentado anteriormente, que esta aparece com maior frequência, por ser a mais flexível em questão de tempo de execução, confirmando a hipótese deste estudo sobre a falta de tempo dos responsáveis para acompanhar de perto a vida escolar de seus dependentes devido à rotina corrida da contemporaneidade, como apresentado na tabela 5.

Seguindo a atual conjuntura, foram separados, na tabela de frequência de ações, aqueles respondentes que, em sua maioria, demonstram baixa frequência em relação às ações cotidianas sobre a educação de seus filhos(as)/dependentes, (mais que três respostas igual, ou inferior à “às vezes” e os que deixaram essas questões sem resposta) e, junto a isto, está apresentado no seguinte quadro sua condição de trabalho e escolarização.

Quadro 1 - Cruzamento de dados, frequência de ação, escolaridade e situação de trabalho dos respondentes

(continua)

Sujeito	Ação 1	Ação 2	Ação 3	Ação 4	Ação 5	Grau de Escolaridade	Situação de trabalho
Nº 1					Nunca	Ensino Médio Completo	
Nº 2	Às Vezes	Às vezes	Às vezes	Toda semana		Ensino Médio Incompleto	Autônomo
Nº 3					Nunca	Ensino Médio Completo	Autônomo
Nº 4					Nunca	Ensino Médio Incompleto	Autônomo
Nº 5	Todos os dias	Às vezes	Às vezes	Todos os dias	Às vezes	Ensino Fundamental I Incompleto	Autônomo
Nº 6	Às Vezes	Toda semana	Às vezes	Às vezes	Raramente	Ensino Médio Completo	Autônomo
Nº 7					Nunca	Ensino Fundamental I Completo	Desempregado
Nº 8	Às Vezes	Às vezes	Raramente	Todos os dias	Às vezes	Ensino Médio Completo	Desempregado
Nº 9	Todos os dias	Às vezes	Às vezes	Todos os dias	Nunca	Ensino Médio Incompleto	Desempregado
Nº 10	Às Vezes	Às vezes	Às vezes	Todos os dias	Todos os dias	Ensino Superior Incompleto	Desempregado
Nº 11	Todos os dias			Todos os dias	Raramente	Ensino Fundamental II Completo	Desempregado
Nº 12	Às Vezes	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Às vezes	Ensino Fundamental I Completo	Empregado
Nº 13	Às Vezes	Às vezes	Raramente	Às vezes	Raramente	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 14	Às Vezes	Às vezes	Às vezes	Todos os dias	Todos os dias	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 15	Nunca	Nunca	Nunca		Nunca	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 16	Raramente	Raramente	Raramente	Toda semana		Ensino Médio Completo	Empregado

Quadro 1 - Cruzamento de dados, frequência de ação, escolaridade e situação de trabalho dos respondentes

(conclusão)

Sujeito	Ação 1	Ação 2	Ação 3	Ação 4	Ação 5	Grau de Escolaridade	Situação de trabalho
Nº 17	Raramente	Todos os dias	Raramente	Toda semana	Às vezes	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 18	Às Vezes	Toda semana	Às vezes	Raramente	Às vezes	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 19	Às Vezes	Às vezes	Às vezes	Todos os dias	Às vezes	Ensino Superior Cursando	Empregado
Nº 20	Toda semana	Todos os dias	Às vezes	Todos os dias	Toda semana	Ensino Superior Cursando	Empregado
Nº 21	Toda semana	Às vezes	Nunca	Todos os dias	Todos os dias	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 22	Toda semana	Às vezes	Raramente	Todos os dias	Nunca	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 23	Todos os dias	Às vezes	Raramente	Todos os dias	Às vezes	Ensino Médio Completo	Empregado
Nº 24					Raramente	Ensino Médio Completo	Outra Situação
Nº 25	Nunca	Às vezes	Raramente	Toda semana	Nunca	Ensino Médio Completo	Trabalhador temporário

Fonte: Dados coletados pela autora, através dos questionários deste estudo

Ação 1- Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a).

Ação 2- Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça

Ação 3- Vou à escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.

Ação 4- Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula.

Ação 5- Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.

Ao final do balanço de dados, foram selecionados 25 respondentes que se enquadram na proposta de separação citada acima. Deste modo, pode-se concluir que:

- 1 responsável deixou a questão de seu trabalho sem resposta e alegou ter ensino médio completo;
- 5 respondentes declararam trabalhar de forma autônoma, sendo que 2 declararam ter concluído o ensino médio, 2 declararam ensino médio incompleto e 1, Ensino Fundamental I incompleto;
- 5 declararam estar desempregados; 1 declarou possuir Ensino Fundamental I Completo; 1, Ensino Médio Completo; 1, Ensino Médio Incompleto; 1, Ensino Superior Incompleto e 1, Ensino Fundamental II Incompleto;
- 12 declararam estar empregados, sendo que 9 destes declararam possuir o Ensino Médio Completo; 2, Ensino Superior Cursando e 1, Ensino Fundamental I Completo.
- 1 declarou possuir “Outra situação de trabalho”, (Não especificou qual) e alega ter o Ensino Médio completo;
- 1 declarou ser trabalhador temporário e alegou possuir o Ensino Médio Completo.

Diante do exposto, pode-se dizer que estes respondentes possuem de Ensino Fundamental I à Ensino Superior Cursando, mas com maior incidência Ensino Médio Completo e que confirmando a hipótese em relação a demanda do dia a dia e o trabalho, destes 25 pais/responsáveis que demonstraram pouca frequência diante das ações cotidianas na vida escolar de seus filhos, apenas 5 deles declararam não estar exercendo no momento atividade remunerada.

É interessante observar a variedade do nível de escolarização que estes respondentes declararam, algo que pode também interferir nestas ações, ou seja, quanto menor o nível de escolaridade deste respondente, pode-se dizer que o grau

de dificuldade em ajudar os filhos/dependentes fica maior e este fator deve ser considerado nesta análise. Comprovando tal hipótese, pode-se ressaltar a relação dos respondentes que declararam estar desempregados no momento, na qual, supõe-se que em comparação aos demais, estes têm mais tempo para tratar dos assuntos escolares de seus filhos (as)/dependentes, mas que, mesmo assim, estão neste grupo “de baixa frequência” e, ao observarmos a escolaridade, fica clara esta questão, principalmente, na frequência de ação da afirmação de Número, “5-Ajudar meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.”, que por demandar tempo para a execução, deveria ter uma alta frequência dentro deste grupo que alega não trabalhar fora de casa no momento, mas que não ocorre dessa forma e, ao observar a escolaridade dos respondentes, pode-se verificar que quanto menor o nível de escolarização, menor a frequência de execução desta afirmação e ao compararmos com as demais afirmações que demandam tempo, mas que não precisam, necessariamente, de conhecimentos específicos, é possível concluir que esta é a questão que mais foge da tendência esperada.

CONCLUSÃO

O intuito deste estudo foi investigar a visão que os pais/ responsáveis têm sobre educação escolar na atualidade e a valorização que atribuem ao tema. Tal discussão se faz relevante, pois sabe-se que as famílias, como instituição primária de socialização da criança, é a grande responsável pela formação do sujeito e capaz de influenciá-lo em diversas (se não todas) áreas de sua vida. Como afirmam Meireles e Teixeira (2014, p. 39):

De acordo com Petrini (2003), a família, no processo de evolução histórica, permanece como matriz civilizatória e condição para a humanização e a socialização das pessoas, pois a educação qualificada da criança que nela ocorre é que vai garantir o suporte necessário à sua criatividade e a um comportamento produtivo quando adulto. A família sempre foi e continuará a ser a influência mais poderosa no desenvolvimento da personalidade e do caráter de seus membros.

Pensando em escolarização, levando em conta a afirmação das autoras e considerando os conflitos existentes entre famílias e escola, como citado neste estudo, no capítulo I, foi feita uma comparação de como estes pais/responsáveis valorizam (opinião) a educação escolar e como agem em relação ao assunto, na intenção de verificar se suas ações condizem com suas crenças a respeito da vida escolar de seus filhos. Por meio da aplicação de questionários do tipo *Likert*, com escalas de grau de concordância e escalas de frequência de ação, foi possível medir a opinião sobre o assunto e as atitudes dos pais/responsáveis diante da rotina escolar de seus filhos (as) dependentes. Deste modo, foi feito o cruzamento de dados, entre afirmações de opinião e afirmações de frequência das ações. Após análise, concluiu-se que há divergências entre opinião e comportamento, mas que essa diferença tem causas materiais como tempo disponível e conhecimentos necessários para auxiliar as crianças nas lições e atividades escolares. Portanto, há outros fatores que afetam diretamente essa questão e que devem ser levados em consideração.

Desta forma, pode-se dizer que as crenças, no caso, o grau de valorização que estes responsáveis atribuem à escola, são superiores às ações que eles executam diante da educação escolar de seus filhos, ou seja, por mais que atribuam importância ao tema, não conseguem expressar isso nas ações cotidianas.

Comprovando tal fato, pode-se observar, no capítulo III, que a maioria dos pais/responsáveis apresenta uma tendência em assinalar as afirmações de opinião, concordando plenamente com frases que valorizam a escola e reafirmam que esta é um lugar de aprendizado, reconhecem que, como responsáveis pela criança, são parte importante em seu processo de escolarização, que devem ajudar e colaborar com a escola, mas ao verificar-se as ações referentes ao assunto, pode-se observar que estas, comparadas ao grau de importância que demonstram, é desproporcional.

Porém, comprovando a hipótese levantada sobre o motivo dessa incompatibilidade entre crença e ação, pode-se verificar que a maioria desses respondentes, que são os responsáveis pela vida escolar da criança, exercem função remunerada, o que demanda tempo de seu dia e dificulta, grandemente, que eles exerçam a função esperada pela escola na vida escolar de seus (as) filhos (as)/dependentes. No entanto, dentro de suas possibilidades, o fazem da melhor forma que podem, pois, se os responsáveis precisam prover o alimento e a sobrevivência, por mais que se importem, acabam deixando a questão da vida escolar dos filhos em segundo plano, principalmente, quando precisam de tempo reservado para isso. Os responsáveis concordam que devem ajudar seus filhos nas lições de casa, mas alguns alegam não fazer isso com a frequência compatível com o grau de importância atribuído anteriormente. Quando observamos as ações que não demandam tempo específico para a execução, como por exemplo, a afirmação sobre perguntar ao filho o que ele aprendeu na aula, percebe-se que há uma grande parte de responsáveis que o fazem todos os dias e nenhum dos respondentes alegou nunca executar esta ação, o que demonstra interesse no tema e transfere à criança a ideia de que seus pais/responsáveis se importam com o que eles (as) aprendem durante seu tempo dentro da escola.

Outro fator que demonstrou influência nestes resultados, foi a questão do grau de escolaridade dos pais/responsáveis, apresentada na terceira análise feita neste estudo. Pode-se dizer que mesmo os pais/responsáveis que não exercem atividade remunerada encontram dificuldades em realizar determinadas ações na vida escolar da criança, pois além de demandar tempo para execução, também carecem de conhecimento específico e observa-se que quanto menor a escolaridade deste responsável, menor também a frequência de realização dessas ações, o que pode nos levar a entender que quanto menor o grau de escolaridade, maior a dificuldade

em ajudar nas tarefas e trabalhos escolares. Essa questão corrobora o estudo de Chechia e Andrade (2005, p. 432), que afirmam:

Na questão da participação dos pais na vida escolar dos filhos, encontra-se também como fonte de conflitos nessa relação o nível de escolarização dos pais. Alguns pais pouco podem ajudar, pois se recolhem na ignorância, na inferioridade e demonstram carência de orientação, muitas vezes, por não serem instruídos para agir e orientar seus filhos (Chechia; Andrade, 2005, p. 432).

Pode-se dizer que os pais/responsáveis se importam com a educação escolar de seus filhos, porém, há outros fatores, como os achados nesta pesquisa, que influenciam fortemente nas atitudes que eles têm no dia a dia. Tais fatores fazem com que não consigam agir da forma com que a escola espera e, talvez, que eles mesmos esperassem. Há uma expectativa da escola para com as famílias, muito maior do que é possível para elas em relação à vida escolar dessas crianças. Tais expectativas acabam gerando conflitos entre escola e famílias e ambas tendem a culpar uma à outra, como afirmam os autores Assis e De Lucca (2009, p. 199):

Muitas vezes os professores procuram explicar o fracasso escolar de certos alunos como reflexo de suas relações com as famílias. Em contrapartida alguns pais e familiares estão cada vez mais certos de que o ambiente escolar irá formar seus filhos como cidadãos, dividindo ou transferindo toda a responsabilidade da educação para os professores, responsabilizando-os pelos problemas apresentados pelas crianças.

Conclui-se com os resultados deste estudo, que as condições sociais dessas famílias interferem diretamente no relacionamento entre pais/responsáveis e filhos(as)/dependentes, os privando de compartilhar ensinamentos e construir valores da forma que é esperada pela escola, mas que se importam, valorizam a escola como um local do saber e reconhecem seu papel neste processo, são as condições reais dessas duas instituições sociais tão importantes na vida do sujeito que tornam as expectativas de ambos, metas utópicas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Família. *In*: ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Temas básicos de sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 132-150.

ASSIS, Alice; DE LUCA, Vagner Alves. A influência dos pais na aprendizagem das crianças. **Teoria e Prática da Educação**, v. 12, n. 2, p.199-208, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/13972>. Acesso em: 05 jun. 2022.

BHERING, Eliana; SIRAJ-BLATCHFORD, Iram. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. **Cadernos de Pesquisa**, n. 106, p. 191-216, mar. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15741999000100010>. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [1988]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 02 nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.

CHECHIA, Valéria Aparecida; ANDRADE, Antônio dos Santos. O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 431-440, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300012>. Acesso em: 10 jun. 2021.

COUTRIM, Rosa Maria da E.; CARVALHO, Rosana Areal de.; ALMEIDA, João Paulo Pereira de. Relação escola e família: uma construção sócio-histórica. **Cadernos de História da Educação**, v. 11, p. 627-640, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/4884>. Acesso em: 11 jul. 2023.

DAMASCENO, Daniel Pinheiro Caetano. O que a família espera da Escola? o caso das famílias responsáveis por alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental no Município de São João da Barra –RJ. **Revista Brasileira de Educação Básica**, Belo Horizonte, ano 2, n. 2, 2017. Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/2017/02/10/o-que-a-familia-espera-da-escola-o-caso-das-familias-responsaveis-por-alunos-do-1o-ao-5o-ano-do-ensino-fundamental-no-municipio-de-sao-joao-da-barra-rj/>. Acesso em: 06 mar. 2023.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 2, p. 44-50, abr. 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/VWmqHMjzXwgDR43kbcv7BRH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2023.

FEVORINI, Luciana B. **O envolvimento dos pais na educação escolar dos filhos: estudo exploratório**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FCC. Fundação Carlos Chagas. **Informe Nº 1 – Pesquisa: Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica**. São Paulo: FCC, 2020a.

FCC. Fundação Carlos Chagas. **Informe Nº 2 – Similaridades e diferenças nas redes de ensino, sexo e cor/raça**. São Paulo: FCC, 2020b.

ITAÚ SOCIAL. **Retratos da educação no contexto da pandemia coronavírus: um olhar sobre múltiplas desigualdades**. 2020. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital.pdf. Acesso em: 07 nov. 2023.

MARTINS, José de Souza. A valorização da escola e do trabalho no meio rural. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 19-34, 1972. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/4573/1/1972_art_JSMartins.pdf. Acesso em: 06 set. 2022.

MEC. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

MEIRELES, Fabrina da Silva; TEIXEIRA, Solange Maria. As Diversas faces da família contemporânea: conceitos e novas configurações. **Informe Econômico**, v. 31, n. 1, p. 38-44, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/ie/article/view/1764>. Acesso em: 05 jun. 2022.

MELLO, Sylvia Leser de. **Família, uma incógnita familiar**. Família: conflitos, reflexões e intervenções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; TRINDADE, Zeidi Araujo. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 ago. 2023.

NOGUEIRA, Maria Alice. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, p. 91-103, fev. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1998000100008>. Acesso em: 06 nov. 2023.

OLIVEIRA, Stefânia da Silva; SILVA, João Felix da; BENTO, Maria das Graças. Relação Escola e Família: Expectativa de Uma Educação de Sucesso / Schooland Family Relationship: Expectation of Successful Education. **ID on line - Revista de Psicologia**, v. 13, n. 48, p. 269-283, 30 dez. 2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2275>. Acesso em: 06 mar. 2023.

OSTI, Andreia. Contexto familiar e o desempenho de estudantes de uma escola no interior de São Paulo. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 18, n. 2, p. 369-383, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8637508>. Acesso em: 11 jul. 2023.

PEREZ, Marcia Cristina Argenti. Infância e escolarização: discutindo a relação família, escola e as especificidades da infância na escola. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 12, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/684>. Acesso em: 06 mai. 2023.

PIRES, Priscila de Melo Cerqueira; SILVA, Luciana Rios da. Relação Família/Escola: expectativas familiares sobre o papel social da escola. **Anais da 22ª Semana de Mobilização Científica**. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2019.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira. **Um gosto amargo de escola**: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar. São Paulo, Iglu, 1997.

SARTI, Cynthia A. A família como ordem moral. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 91, p. 46-53, 1994. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/875>. Acesso em: 25 out. 2023.

SELLTIZ, Claire; JAHODA, Marie; DEUTSCH, Morton; COOK, Stuart W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1975.

VELUDO DE OLIVEIRA, Tânia Modesto. Escalas de Mensuração de Atitudes: Thurstone, Osgood, Stapel, Likert, Guttman, Alpert. **Revista Fecap**, v. 2, n. 2, p. 57-65, 2001. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_escalas_de_mensuracao_de_atitudes_thurstone_osgood_stapel_likert_guttman_alpert.pdf. Acesso em: 09 mar. 2023.

ANEXO A - Pré-teste de Pesquisa

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS/RESPONSÁVEIS

Você está recebendo um questionário de pesquisa que tem como objetivo investigar o que pensam os pais e/ou responsáveis dos alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação escolar. Sua participação é muito importante, por esse motivo pedimos que responda de forma mais sincera possível de acordo com sua realidade e emoções sobre o tema, lembrando que não há resposta certa, ou errada. Caso não se sinta confortável em responder alguma questão, fique à vontade para ignorá-la. Leia atentamente e siga as instruções para responder as questões.

Escreva nos espaços indicados a sua resposta:

Exemplo:

<p>Qual sua cor favorita?</p> <p style="font-size: 1.2em; font-family: cursive;"><i>Rosa</i></p>

Qual sua idade? ____ ____ (anos completos)

Qual seu parentesco com a criança?

Quantos filhos você tem?

Quantos filhos você tem que estão estudando?

Quem mora junto com a criança?

Marque com um "X" nas alternativas:

Seu gênero: () Feminino () Masculino () Outros: _____

Qual seu estado Civil?

- () Solteiro (a)
- () Casado (a) ou Vivendo como casado (a)
- () Separado ou Divorciado
- () Viúvo

Qual seu Grau de escolaridade?

- () Ensino Fundamental Incompleto (1ª à 4ª série)
- () Ensino Fundamental completo (1ª à 8ª série)
- () Ensino Médio Incompleto (Parei entre o 1º e o 3º ano)

- Ensino Médio completo (1º ao 3º ano)
 Ensino Superior incompleto (Iniciei, mas não terminei a universidade)
 Ensino Superior Cursando
 Ensino Superior Completo
 Outros: _____

Qual é a sua situação de trabalho?

- Empregado.
 Autônomo (trabalha por conta própria fazendo serviços).
 Dono de negócio próprio.
 Trabalhador temporário (trabalha quando é chamado por alguns dias ou meses).
 Aposentado.
 Desempregado.
 Outra situação: _____

Leia atentamente e siga as instruções para responder as questões.

Exemplo:

Leia as frases abaixo e responda colocando um "x" no local indicado, o quanto concorda ou discorda com as afirmações (Marque apenas uma resposta por frase)	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Sempre que saio de casa levo uma garrafinha com água para manter meu corpo sempre hidratado		X			

Nº	Leia as frases abaixo e responda colocando um “x” no local indicado, o quanto concorda ou discorda com as afirmações (Marque apenas uma resposta por frase)	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
1	Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro.					
2	É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.					
3	Os pais devem ir sempre à escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.					
4	Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).					
5	Os responsáveis pela criança só devem deixá-las faltar a escola em caso de extrema necessidade.					
6	Pergunto sempre ao meu filho (a) como foi seu dia na escola.					
7	Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.					
8	A escola deveria ter passeios a museus para incentivar a cultura dos alunos.					
9	Procuro sempre manter uma boa relação com a escola.					
10	A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.					
11	Acredito que o desenvolvimento escolar do aluno depende unicamente da escola.					
12	Quando os pais/responsáveis precisam viajar fora das férias dos alunos, a escola deve passar tudo que ele perdeu quando ele voltar.					
13	A escola deveria funcionar também, aos finais de semana, pois, tem pais/responsáveis que trabalham no sábado e domingo.					
14	É importante ir à escola para aprender a viver em sociedade.					
15	As crianças devem ter um local reservado em casa para estudar.					

16	Não deveria haver lição de casa, pois atividades escolares devem ser feitas apenas na escola.					
17	Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.					
18	Essa escola tem graves problemas de violência entre os alunos					
19	Estudar é importante para ter um bom emprego.					
20	Há alguns alunos na escola que sempre causam os problemas que envolvem violência.					
21	Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça.					
22	Os pais/responsáveis devem sempre olhar o caderno e a agenda do aluno diariamente.					
23	A escola deveria ter mais passeios a fabricas e industrias para incentivar mais os alunos ao trabalho.					
24	A escola deveria distribuir cesta básica, ao invés de oferecer merenda escolar.					
25	A escola deveria cuidar melhor do material escolar dos alunos, meus filhos reclamam que "some" e perdem sempre.					
26	Há um bom relacionamento entre família, educadores e alunos.					
27	Meu filho tem um bom relacionamento com os outros colegas.					
28	Hoje em dia no mundo que vivemos, é melhor investir no trabalho do que nos estudos.					
29	Gostaria que meu filho fizesse sucesso na internet, assim ele não precisaria mais estudar e teria uma boa vida financeira					
30	Se eu tivesse condições financeiras, meu filho estudaria em uma escola particular.					

ANEXO B - Questionário de Pesquisa

QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS/RESPONSÁVEIS

Você está recebendo um questionário de pesquisa que tem como objetivo investigar o que pensam os pais e/ou responsáveis dos alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação escolar. Sua participação é muito importante, por esse motivo pedimos que responda de forma mais sincera e atenta possível, de acordo com sua realidade e emoções sobre o tema, lembrando que não há resposta certa ou errada. Leia atentamente e siga as instruções para responder as questões.

Escreva nos espaços indicados a sua resposta:

Exemplo:

<p>Qual sua cor favorita?</p> <p><i>Rosa</i></p>

Qual sua idade? ____ ____ (anos completos)

Qual seu parentesco com a criança?

Quantos filhos e/ou filhas você tem? (Coloque em números)

_____FILHAS
 _____FILHOS

Quantos filhos você tem que estão estudando? (Coloque em números)

_____FILHAS
 _____FILHOS

Quem mora junto com a criança?

Quem é o responsável pela vida escolar da criança?

Marque com um "X" nas alternativas:

Seu gênero: () Feminino () Masculino () Outros: _____

Qual seu estado Civil?

- () Solteiro (a)
 () Casado (a) ou Vivendo como casado (a)
 () Separado ou Divorciado
 () Viúvo

Qual seu Grau de escolaridade?

- () Ensino Fundamental Incompleto (1ª à 4ª série)
 () Ensino Fundamental completo (1ª à 8ª série)
 () Ensino Médio Incompleto (Parei entre o 1º e o 3º ano)
 () Ensino Médio completo (1º ao 3º ano)

- () Ensino Superior incompleto (Iniciei, mas não terminei a universidade)
 () Ensino Superior Cursando
 () Ensino Superior Completo
 () Outros: _____

Qual é a sua situação de trabalho?

- () Empregado.
 () Autônomo (trabalha por conta própria fazendo serviços).
 () Dono de negócio próprio.
 () Trabalhador temporário (trabalha quando é chamado por alguns dias ou meses).
 () Aposentado.
 () Desempregado.
 () Outra situação: _____

Leia atentamente e siga as instruções para responder as questões. Exemplo:

Leia as frases abaixo e responda colocando um "x" no local indicado, o quanto concorda ou discorda com as afirmações (Marque apenas uma resposta por frase)	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
Sempre que saio de casa levo uma garrafinha com água para manter meu corpo sempre hidratado		X			

	Leia as frases abaixo e responda colocando um “x” no local indicado, o quanto concorda ou discorda com as afirmações. (Marque apenas uma resposta por frase)	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
1	Os pais devem incentivar seus filhos a estudarem para que eles tenham um bom emprego no futuro.					
2	É importante ajudar os filhos a estudar em casa, eu faço isso frequentemente.					
3	Eu sei o que os professores querem do meu filho (a).					
4	Os responsáveis pela criança só devem deixá-las faltar a escola em caso de extrema necessidade.					
5	Os pais devem incentivar as crianças a estudar em casa.					
6	A escola deveria ter passeios a museus para incentivar a cultura dos alunos.					
7	Procuo sempre manter uma boa relação com escola.					
8	A participação dos pais ajuda o aluno a aprender com mais facilidade.					
9	Acredito que o desenvolvimento escolar do aluno depende unicamente da escola.					
10	Quando os pais/responsáveis precisam viajar fora das férias dos alunos, a escola deve passar tudo que ele perdeu quando ele voltar.					
11	A escola deveria funcionar também, aos finais de semana, pois, tem pais/responsáveis que trabalham no sábado e domingo.					
12	É importante ir à escola para aprender a viver em sociedade.					

13	As crianças devem ter um local reservado em casa para estudar.					
14	Não deveria haver lição de casa, pois atividades escolares devem ser feitas apenas na escola.					
15	Não costumo ajudar meu filho nas tarefas escolares, porque isso é função da professora.					
16	Essa escola tem graves problemas de violência entre os alunos					
17	Estudar é importante para ter um bom emprego.					
18	Há alguns alunos na escola que sempre causam os problemas que envolvem violência.					
19	A escola deveria ter mais passeios a fabricas e indústrias para incentivar mais os alunos ao trabalho.					
20	A escola deveria distribuir cesta básica, ao invés de oferecer merenda escolar.					
21	A escola deveria cuidar melhor do material escolar dos alunos, meus filhos reclamam que "some" e perdem sempre.					
22	Como responsável, me relaciono muito bem com todos os professores da escola, inclusive com a direção.					
23	Meu filho tem um bom relacionamento com os outros colegas.					
24	Hoje em dia no mundo que vivemos, é melhor investir no trabalho do que nos estudos.					
25	Gostaria que meu filho fizesse sucesso na internet, assim ele não precisaria mais estudar e teria uma boa vida financeira					
26	Os professores da escola de meu filho são atenciosos com todos.					

	Leia as frases abaixo e responda colocando um “x” no local indicado com a frequência que você executa as seguintes atividades. (Marque apenas uma resposta por frase)	NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	TODA SEMANA	TODOS OS DIAS
1	Eu vejo o caderno e a agenda do (a) meu (minha) filho (a).					
2	Participo de todas as reuniões escolares do meu filho, ou peço que um representante meu compareça.					
3	Vou a escola para saber sobre o desenvolvimento escolar dos filhos.					
4	Pergunto ao meu filho (a) o que ele (a) aprendeu na aula.					
5	Ajudo meus filhos com as atividades e trabalhos para casa.					
6	Pergunto ao meu (minha) filho (a) o que tinha de merenda na escola.					

Como você avalia esta escola? Assinale com um "x"

- RUIM
- INSATISFATÓRIA OU FRACA
- REGULAR
- BOA
- ÓTIMA

Deixe algum comentário sobre o que você espera da escola em relação ao seu filho (a).

Para finalizar, coloque sua data de nascimento (Dia/mês/Ano)

___ ___ / ___ ___ / ___ ___ ___ ___

Obrigada por sua importante participação!

ANEXO D - TCLE Pais/Responsáveis - Termo de Livre e Esclarecido direcionado aos sujeitos da pesquisa

Título da pesquisa: Concepção de educação escolar na atualidade: Uma visão dos pais/responsáveis de alunos no Ensino Fundamental I

Nome do pesquisador: Fiama da Silva Santos Chiaveli

Nome da orientadora: Alda Junqueira Marin

Instituição: Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

A pesquisa de mestrado “Concepção de educação escolar na atualidade: Uma visão dos pais/responsáveis de alunos no Ensino Fundamental I” é desenvolvida por Fiama da Silva Santos Chiaveli, estudante do Programa de Estudos Pós- Graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A pesquisa tem como objetivo investigar o que pensam os pais e/ou responsáveis dos alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação escolar, o valor que atribuem a escolarização e sua relação com o trabalho. A coleta de dados acontecerá por meio de aplicação de questionário.

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, na qual, sua participação consistirá em responder o questionário por escrito, o que levará em torno de 10(dez) minutos. O questionário pretende colher dados sobre sua opinião sobre a educação escolar de seus filhos e/ou dependentes. Não será necessária sua identificação pessoal, preservando assim sua privacidade. Toda e qualquer pesquisa com seres humanos, apresenta riscos, neste caso há o risco de constrangimento frente a condição social do participante e a perda de confiabilidade de dados ao avaliar um prontuário. Por este motivo, a fim de minimizar estes possíveis riscos, todos os dados serão tratados em seu conjunto e não haverá, em hipótese alguma, identificação individual das suas respostas. Esse cuidado é essencial para garantir a privacidade e o sigilo dos dados bem como para que as análises sejam construídas de modo a garantir a confiabilidade das respostas. Caso você não se sinta confortável com as perguntas do questionário, você poderá encerrar a pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos e suas respostas serão descartadas. Do mesmo modo, você poderá solicitar a exclusão dos dados respondidos no questionário em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer prejuízo. No entanto, esperamos contar com sua participação, pois ela é fundamental neste estudo. Não está previsto nenhum tipo de pagamento pela sua participação na pesquisa e você não terá nenhum custo com respeito aos procedimentos envolvidos.

Caso ocorra algum problema ou dano com você, pela sua participação na pesquisa, você receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e garantimos indenização diante de eventuais fatos comprovados, que tenham relação com sua participação nesta pesquisa.

Você receberá uma cópia deste termo, onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal e seu orientador, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Assim que a pesquisa for concluída você terá acesso ao resultado das análises, caso deseje.

A proposta da pesquisa e esse termo de consentimento foram avaliados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP, cuja função é unificar e facilitar os processos de avaliação ética das pesquisas envolvendo seres humanos na instituição, situado na Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 – Tel./FAX: (11) 3670-8466 – e-mail: cometica@pucsp.br.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, localizada à Rua Monte Alegre, 984 – São Paulo – Brasil.

O registo desse procedimento poderá ser disponibilizado a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL

Nome: Fiana da Silva Santos Chiaveli

Endereço: Rua dos Cariocas, 1060, apto. 05 – Parque Suburbano, Itapevi (SP) Email: fiamasantos10@hotmail.com / Telefone: (11) 95820-7434

DADOS DO ORIENTADOR

Nome: Alda Junqueira Marin

Email: aldamarin@pucsp.br / Telefone: (16) 98134-7644.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

<hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p>Assinatura do participante</p>	<p>Data: ____/____/____</p>
---	-----------------------------

<hr style="width: 80%; margin: 0 auto;"/> <p>Assinatura do pesquisador responsável</p>	<p>Data: ____/____/____</p>
--	-----------------------------